

**Piscinas Naturais de Mosteiros | A Arquitectura como intervenção
transformadora na Paisagem Costeira de São Miguel.**

Joana Sofia Dias Almeida

Dissertação realizada no âmbito do
Mestrado Integrado em Arquitectura

Orientador: Prof. Arquitecto José Manuel Soares

Setembro 2009

Resumo

A partir do interesse partilhado pela arquitectura e pelo mar, nasce uma necessidade de estudar e reflectir sobre um tema que está directamente relacionado com os limites de costa: as Piscinas Naturais da freguesia de Mosteiros na ilha de São Miguel.

Procura-se reflectir sobre a arquitectura de intervenção em piscinas naturais, uma arquitectura de inserção e interacção. Pretende-se assim, fazer uma reflexão sobre uma intervenção, a partir da análise do terreno e dos acessos tendo em vista o contexto envolvente.

A presente reflexão parte do estudo de casos similares na costa da ilha de São Miguel, e, após interpretação destes, tenta-se absorver formas de intervenção e relacioná-las com as piscinas de Mosteiros. Procura-se perceber o limite das piscinas abertas ao mar com subida e descida das marés.

Analisa-se a importância e o carácter de uma intervenção arquitectónica ao nível de equipamentos de apoio em piscinas na natureza e, principalmente, a importância que a escolha de materiais e formas pode exercer neste tipo de intervenção.

O trabalho desenvolve-se a partir de uma abordagem geral sobre Mosteiros, a sua localização na ilha de São Miguel, assim como, a sua estrutura e planificação. Como consequência da reflexão, sugere-se uma proposta interventiva com pressupostos que divergem da análise efectuada, sobre o modo como se interfere na paisagem costeira em São Miguel, fazendo assim transparecer a capacidade que o Homem tem em transformar a paisagem, com base no conhecimento profundo de um território.

Abstract

From the shared interest in architecture and the sea, rises a need to study and reflect on a topic that is directly related to the limits of the coast: the natural pools of Mosteiros on the island of São Miguel.

Seek to reflect on the architecture of intervention in natural pools, an architecture for integration and interaction. The aim is to make a reflection on an intervention from the analysis of land and access in view of the surrounding context.

This discussion is the study of similar cases on the coast of São Miguel island, and after interpreting them, one tries to absorb forms of intervention and to relate them to the pools of Mosteiros. Aim is to understand the limits of the swimming pools opened to the sea and to the tides.

Analyze the importance and character of an architectural level of support equipment pools in nature and especially the importance of the choice of materials and shapes can exercise this type of intervention.

The work evolves from a general approach on Mosteiros, its location on the island of Sao Miguel, as well as its structure and planning. As a result of the reflection, it is suggested that a proposal with interventional assumptions that differ from the analysis on how they interfere with the coastal landscape in São Miguel, thus disclose the ability of the human landscape of a processor based on a thorough knowledge of territory.

Agradecimentos

Aos meus Pais, Irmã e Avós por todo o apoio e força que me deram ao longo destes anos.

Ao Horácio pela paciência e compreensão.

Ao Professor Arquitecto José Manuel Soares pela orientação, dedicação e conselhos.

PALAVRAS CHAVES

Mosteiros – Paisagem - Piscinas Naturais - Intervenção – Arquitectura Sazonal

Índice

Introdução.....	xi
Metodologia	xii
Capítulo I___ Mosteiros: Lugar e História.....	3
Localização.....	5
Estrutura e Planificação	5
População	11
Ex-líbris	11
A importância do Mar	15
Resumo.....	15
Capítulo II___ Zonas Balneares da Ilha de S. Miguel	19
Piscina da Ferraria	21
Piscinas Naturais de Fenais da Ajuda.....	23
Piscinas do Nordeste.....	23
Ilhéu de Vila Franca do Campo	25
Piscina Natural da Caloura	25
Complexo das Piscinas Municipais de Lagoa.....	27
Resumo.....	29
Capítulo III___ Paisagens Construídas	33
Água	37
Limite	39
Pedra	41
Resumo.....	45
Capítulo IV___ Construir Junto ao Mar	49
Lugar	49
Programa	53

Projecto	55
Resumo.....	57
Capítulo V___ Piscinas Naturais de Mosteiros	61
Análise do Existente	61
O Homem agente transformador da Paisagem	69
Plano de Ordenamento da Orla Costeira de São Miguel	71
Resumo.....	73
Capítulo VI___ Conclusões.....	77
Reflexão Conclusiva	77
Capítulo VII___ Referências	87
Bibliografia	87
Periódicos	88
Internet	88
Índice de Imagens.....	89
LEGENDA:.....	89
Glossário.....	93

Introdução

“Como nasce uma ideia arquitectónica, é questão que não nos deve tirar o sono.

Bastará lembrar apenas que a inspiração, de onde irrompem as ideias criadoras, prove de um estado de tensão de todas as forças psíquicas do homem, da construção máxima das suas forças.

Proust dizia que tal como a água ferve a 100 graus também a imagem se cria só a certa temperatura.”¹

Nos Açores o limite é o mar, a linha de água que acompanha a costa das ilhas. Na sequência desta missiva, desenvolve-se o interesse de estudar a frente de mar enquanto piscina natural.

As piscinas naturais de Mosteiros são conhecidas localmente como as piscinas dos Caneiros, nome que deriva do termo canal, uma vez que as piscinas se desenvolvem ao longo de três canais. São piscinas de origem vulcânica e surgem na frente de costa da freguesia, numa baía com pequenas zonas e tanques de diferentes profundidades.

Por conta do curso de arquitectura, começa-se a olhar para os espaços de forma diferente. É-se confrontado com situações e ideias ocasionais que se relacionam sempre com a experiência adquirida enquanto estudante de arquitectura. Ao longo destes anos, desenvolvi particular interesse sobre as piscinas naturais de Mosteiros, na tentativa de encontrar soluções de intervenção no local, de forma a responder às necessidades inerentes a este. Estas necessidades relacionam-se, principalmente, com acessos e equipamentos de apoio.

A freguesia de Mosteiros pertence ao concelho de Ponta Delgada na ilha de São Miguel. É uma pequena localidade com cerca de 1300 habitantes que vive, principalmente, dos sectores primário e terciário e tem como seu principal ex-líbris os ilhéus. Contudo, as piscinas naturais e a praia, implantadas ao longo da costa, são os pontos de atracção da pequena localidade.

Dada a complexidade e variedade de piscinas ao longo de todo o Arquipélago dos Açores, opta-se por delimitar o tema piscinas naturais à ilha de São Miguel, analisando seis complexos balneares, com características semelhantes, e implantados ao longo da costa da ilha.

A partir desta análise, procura-se definir um modo de intervenção comum e parte-se para a comparação deste com o caso de estudo em Mosteiros. Analisa-se as zonas no que diz respeito a necessidades, acessos e percursos e procura-se, com base na arquitectura, relacionar a geometria e a natureza, o construído e o natural. Desenvolve-se a partir destas relações, uma temática de arquitectura: a arquitectura de integração. O objectivo do presente trabalho, passa também pela

¹ Calvin, Italo. (2006). Um Eremita em Paris. Lisboa. Companhia das Letras

reflexão e proposta de intervenção no lugar piscinas naturais de Mosteiros, tendo em conta as análises e ilações tiradas a partir das restantes zonas.

Metodologia

A presente dissertação está organizada por fases de estudo/desenvolvimento: uma primeira fase de reconhecimento e interpretação do lugar, uma segunda fase de estudo e interpretação de várias piscinas, na costa da ilha de São Miguel, e uma última fase de reflexão interventiva nas piscinas naturais de Mosteiros.

Num primeiro passo, apresenta-se a história da freguesia através da análise do lugar, da sua localização na ilha de São Miguel, a sua estrutura e planificação, enquanto território habitado e construído segundo regras de organização territorial, e o seu crescimento anónimo e de cariz mais rural. Faz-se uma abordagem ao seu ex-líbris, os ilhéus, e analisa-se a sua população e a forte ligação entre esta, a freguesia e o mar.

Procura-se entender os elementos relacionados com as paisagens perto do mar e interpreta-se a água, o limite e a pedra, enquanto temas de arquitectura.

No final do trabalho, estuda-se, do ponto de vista da disciplina da arquitectura, as piscinas naturais de Mosteiros e procura-se relacionar esta análise com a arquitectura de integração presente nos vários exemplos analisados. Todavia, numa reflexão final, tem-se conta das diferenças entre Mosteiros e as restantes zonas balneares, na medida em que não foram alvo de intervenção na zona de tanques e piscinas, mantendo-se fiel à sua estrutura rochosa.

A partir desta conclusão, desenvolve-se uma temática de arquitectura interventiva que aposta na sazonalidade ou construções de carácter temporário, para o local, fazendo com que estas intervenções de apoio à zona balnear respondam às suas necessidades inerentes apenas nos períodos de frequência das piscinas.

A metodologia deste trabalho nem sempre teve um seguimento linear de levantamento, pesquisa, análise e proposta. A necessidade de aprofundamento de algumas fases e temas, deu origem a diferentes momentos no processo de trabalho, que se iam sucedendo e complementando durante a abordagem às várias temáticas. Este trabalho é representativo de diferentes ideias e soluções de intervenção que surgem da análise e particularidade de um tema. Neste caso relaciona-se com a forma que o Homem encontra para intervir na paisagem de umas piscinas naturais.





Figura 1_ Vista aérea de Mosteiros (AVA)

Capítulo I ____ Mosteiros: Lugar e História

“É viagem de mar esta que faço!
Eu das pérfidas ondas só me fio,
Que bem lhes vejo as lágrimas em fio
Escorrerem da rocha sobre o espaço...”²

Dá-se início a este trabalho, que nasce no âmbito da Dissertação para conclusão do Mestrado Integrado em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, com uma citação de Antero de Quental porque é objectivo, nele, falar-se do mar no que diz respeito à sua relação com a arquitectura.

A ilha de São Miguel é a Maior ilha do Arquipélago dos Açores (fig.2) e, a nível topográfico, era composta por duas montanhas que assinalavam os extremos Nascente e Poente.

Contudo, no século XIV, entre os anos 1317 e 1339 os primeiros descobridores da ilha de São Miguel tomaram conhecimento da forma da ilha com as duas montanhas, assim como Gonçalo Velho Cabral o constatou a 8 de Maio de 1444. Todavia, em 1445 surge a grande erupção do Vulcão das Sete cidades, e, ao desaparecer a montanha localizada a Poente nasce a Freguesia de Mosteiros tornando-se assim a mais recente povoação da Ilha de São Miguel (fig.3).

A freguesia de Mosteiros vive com a omnipresença do Atlântico, uma vez que se encontra a uma cota pouco elevada em relação à linha de água. Na freguesia podemos encontrar vários pontos de interesse que passam por uma forte actividade cultural e de lazer relacionadas com o mar, tirando partido de uma praia de areia negra e várias piscinas naturais ao longo de toda a sua costa. As piscinas naturais dos Caneiros e do Poço da Pedra são as piscinas mais procuradas e o caso de estudo em análise nesta dissertação.

Durante todo o ano é possível encontrar visitantes nestas zonas de lazer, uma vez que a temperatura da água é bastante agradável, devido ao grande número de fumarolas de origem vulcânica que se encontram no fundo do mar.

² Quental, Antero de. (1984). *Primaveras Românticas*. Porto

Arquipélago dos Açores

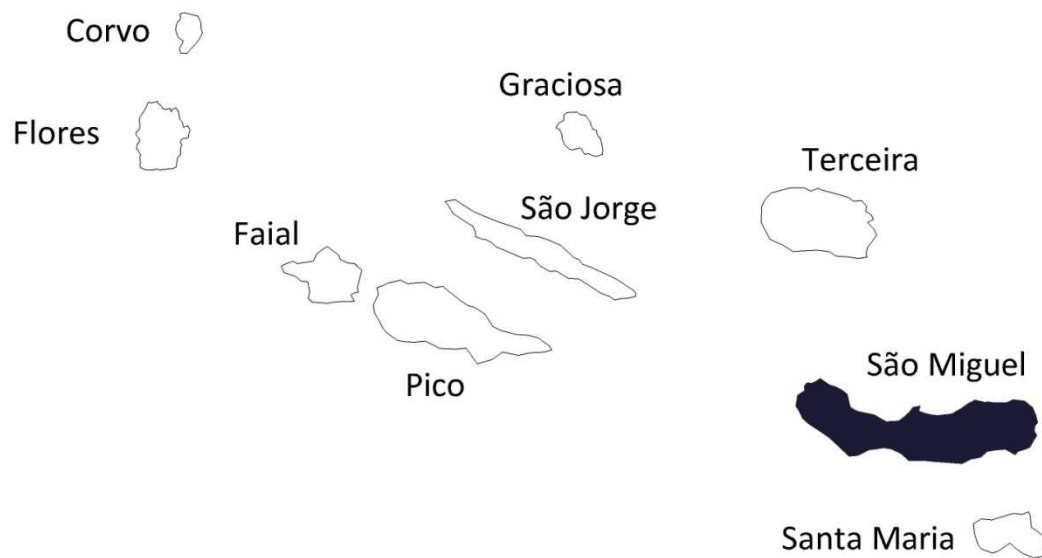


Figura 2 _ Ilha de São Miguel Arquipélago dos Açores (APA)

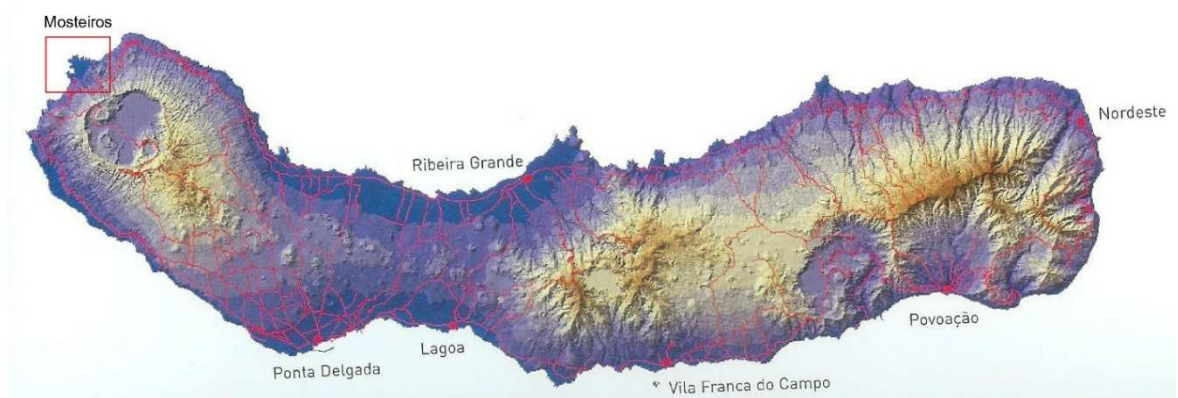


Figura 3 _ Localização de Mosteiros na ilha de São Miguel (AVA)

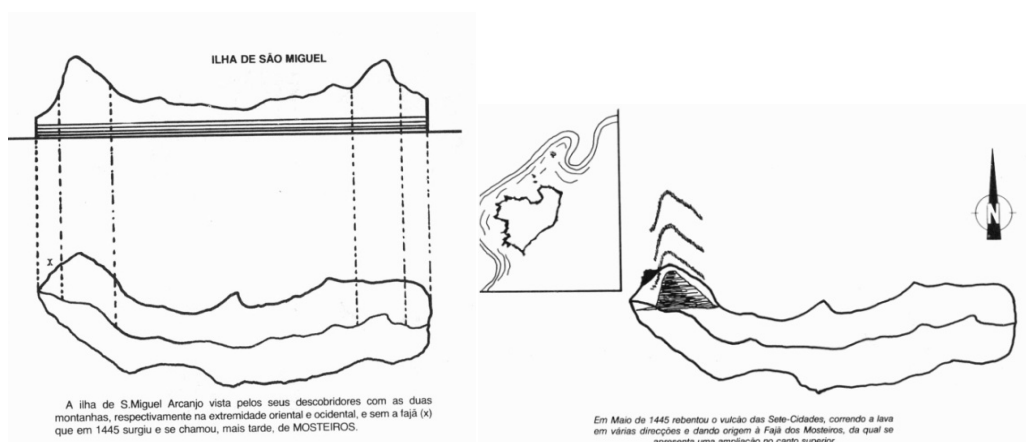


Figura 4 _ Corte longitudinal e planta da ilha de São Miguel (MM)

Localização

“As mais antigas notícias que temos de erupções vulcânicas nesta ilha são de uma que destruiu por completo, em 1445, a maior altitude de que ela se orgulhava, na extremidade ocidental deixando em seu lugar uma cratera côncava de mais de 4 milhas geográficas de circunferência, com uma concavidade que mede na base uma milha e um quarto de diâmetro.”³

A freguesia de Mosteiros situa-se na extremidade ocidental da ilha de São Miguel (fig. 4), a 30 km de Ponta Delgada. É uma freguesia colorida com todas as suas gentes de olhos postos no mar devido à sua distribuição em fajã junto à linha de mar.

O acesso à freguesia é feito através de duas estradas, uma que vem de norte da cidade da Ribeira Grande e que passa pela zona da Bretanha, e um segundo caminho a sul que liga a freguesia a Ponta Delgada, sua cidade concelho. Mosteiros tem como freguesias limítrofes Ginetes e Várzea a sul e Bretanha a norte.

A sua implantação próxima do mar também lhe atribui o carácter de freguesia piscatória com um porto de pesca e um farol utilizado como referência geográfica para pescadores e marinheiros de todas as ilhas do arquipélago. O pequeno porto de pesca oferece também à freguesia, uma posição favorável ao comércio marítimo.

Estrutura e Planificação



Figura 5 _ Quatro zonas em que se divide a freguesia: 1-Banda d'Além 2- Grota 3- Lombas 4- Pico de Maфра (GE) (CMPD)

“Nos Açores percebe-se que a estruturação do território foi feita em estreita colaboração com a sua *physis*, estabelecendo-se desde cedo a hierarquia dos lugares, as posições centrais e estratégias, bem como os eixos dinâmicos e o feixe de ligação entre eles.”⁴

Ocupando uma área de 8,98km², a estrutura da freguesia e o seu povoamento, segundo fontes históricas, terá acontecido a partir das margens de uma ribeira que atravessa a localidade. O cemitério e

³ Walker, Walter Frederick. (1983). *Memórias de Mosteiros*. Ponta Delgada

⁴ Jorge, Filipe. Albergaria, Isabel. (2008). *Açores em Vista Aérea*. Lisboa. Argumentum



Figura 6 _Planta de construções (CMPD) (APA)



Figura 7 _ Planta da rede viária (CMPD) (APA)

uma pequena igreja são no presente as construções mais antigas da localidade, e foi em torno delas que as primeiras casas surgiram, como se pode concluir a partir da primeira planta da freguesia. Este dado histórico que remete há quinhentos anos faz-se também perceber que o facto de os primeiros povoadores construírem casas junto à ribeira e à actual zona da praia, ou seja junto ao mar, lhes facilitava o transporte de mercadorias e alimentos por via marítima uma vez que era o único acesso à localidade. Hoje a freguesia conta com dois acessos terrestres escavados na rocha da cratera que por esse motivo são de pendente acentuada.

A freguesia divide-se em quatro pequenas zonas (fig. 5), a *Banda d'Além*, onde se localizam as Piscinas Naturais, a *Grota*, onde passa uma pequena ribeira que desagua na praia e que percorre toda a encosta da montanha que dá corpo à cratera do vulcão das Sete Cidades. A zona das *Lombas*, por onde passa o principal acesso à freguesia e que se localiza a uma cota superior à da fajã, e a zona do *Pico de Mafra*, uma pequena comunidade mosteirense que se implanta na encosta da montanha que serve de contraforte à localidade, são as duas outras zonas da freguesia. Em Mosteiros a geometria dos arruamentos nasce da planura do território onde assentam, uma vez que a freguesia situa-se numa plataforma baixa e rasa.

Em relação à malha urbana, o padrão de base do povoamento de Mosteiros caracteriza-se como linear e alongado, com ramificações principais e outras secundárias ou pouco importantes, principalmente nas zonas mais antigas. Surgem também ao longo da freguesia, pequenos núcleos concentrados sem base linear com densidade acentuada devido à sua dimensão (fig.6). A praça principal da freguesia, onde se situa a escola e a igreja, é o ponto de partida de dois arruamentos, a Rua das Pensões que converge na zona das piscinas naturais, e a Rua da Ponte que converge na zona da praia. A sul dos arruamentos principais, desenvolve-se uma estrutura de arruamentos relacionados com a zona litoral da freguesia, como a Rua do Porto de Pesca e a Rua da Beira-mar.

Ao longo de toda a localidade, há a tendência de voltar a fachada principal das habitações para o interior ou «universo campesino», recusando o mar apesar de se implantarem na falésia.

- 1 — Ribeira dos Mosteiros
- 2 — Igreja Velha
- 3 — Cemitério
- 4 — Igreja Nova
- 5 — 2.º Beco da Areia
- 6 — 1.º Beco da Areia
- 7 — Outeiro da Rua Tenente Braga
- 8 — Esquina
- 9 — Outeiro da Grotta
- 10 — Grotta

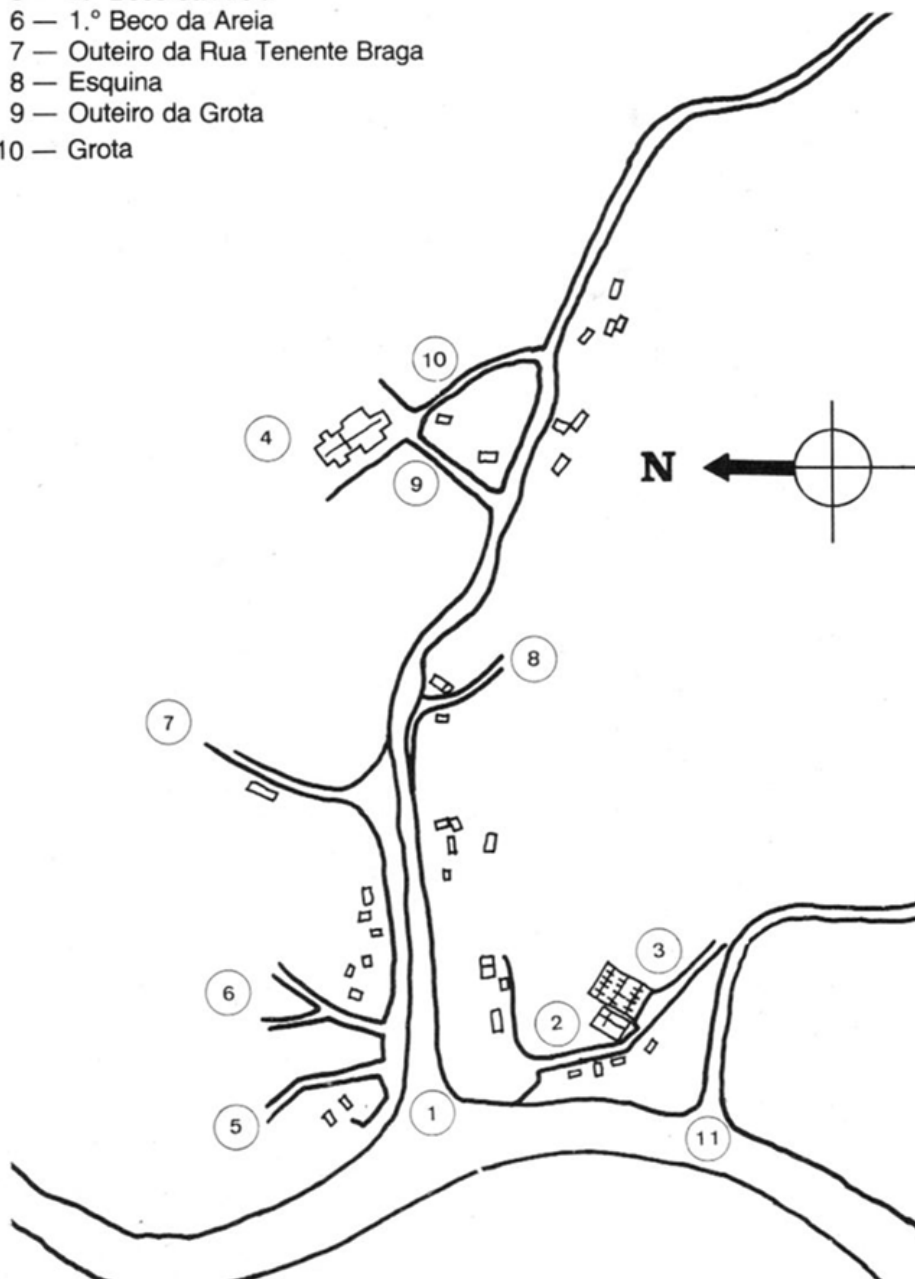


Figura 8 _ Primeiro esquema de planta da freguesia de Mosteiros (MM)

No que diz respeito à arquitectura na freguesia, as habitações de pequenas dimensões são, regra geral, utilizadas como casas de veraneio. Estas habitações são, geralmente, construídas perto dos acessos ao mar. Por outro lado, os habitantes fixos da freguesia estão instalados em aglomerados mais centrais e distantes do limite de costa. A Arquitectura em Mosteiros orienta-se a nascente e a sul, sobretudo no que se refere às formações urbanas. A escolha dessas localizações teve como factor principal a tradição herdada do continente, que atribui grande importância à ocupação da encosta e das zonas litorais orientadas a sul, reforçada pelas diferentes condições climáticas insulares. As habitações mais antigas em Mosteiros seguem padrões da arquitectura vernacular e existem três modelos de casas elementares (fig.12). Casas com cobertura de duas águas, de janela-porta-janela, isoladas ou em lote, casas rurais de balcão exterior e casas de empena-fachada com falsa. Estes modelos pouco diferem no essencial. Têm a mesma organização interna com um corredor central, que faz a distribuição para o quarto e para a sala, separado por meio de tabiques. As casas empena-fachada divergem dos dois outros modelos no que diz respeito à posição da cumeeira. Nos primeiros dois casos, esta é feita paralela à fachada. No caso da empena, a cumeeira é perpendicular à fachada de forma a dar maior altura à falsa.

Em Mosteiros pode-se também encontrar habitações relacionadas com as antigas profissões e tradições da freguesia como é o caso de moinhos de vento. Contudo este tipo de construção encontra-se numa fase de semi-abandono, em virtude da extinção das referidas profissões.

A localidade, como em geral o arquipélago dos Açores, tem um grande número de mosteirenses emigrados nos Estados Unidos da América e Canadá. O emigrante é, aliás, antigo como o povoamento do arquipélago e figura-se como uma ponte entre comunidades. Alterna períodos emigrado com estadas na freguesia onde, geralmente, constrói casas com pormenores arquitectónicos assimilados nos países de acolhimento.

O centro da freguesia é a sala de visitas, onde encontramos um coreto, a praça principal, a escola primária e a igreja. As casas na freguesia distribuem-se ao longo de ruas e pequenos caminhos, com espaços entre elas destinados às construções de pequenas dimensões destinadas às actividades domésticas e agrícolas. Esta disposição das habitações ao longo de caminhos e estradas, atribui à localidade uma aparência afastada da aldeia tradicional do continente português, sendo a própria designação «aldeia», inexistente no vocabulário do povo açoriano, uma vez que, cada habitante é identificado como pertencendo a uma freguesia ou a um lugar.

A ruralidade na freguesia é acentuada devido ao natural afastamento dos centros urbanos da ilha, como Ponta Delgada e Ribeira Grande.



Casa rural, de balcão exterior.



Casa rural com torreão de quatro águas.



De "empena-fachada", rural ou de vila.
Lojas no piso térreo.



Casa "de Vila", com lojas no piso térreo.



Cobertura de duas águas, de
janela-porta-janela, isolada ou em lote.



De "empena-fachada", com falsa.

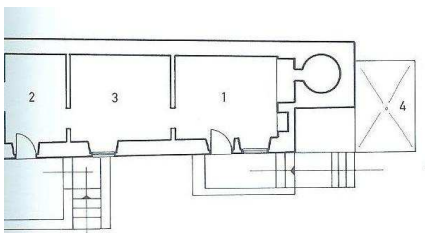


Figura 9_ Esquema de Planta casa com balcão (APDA)

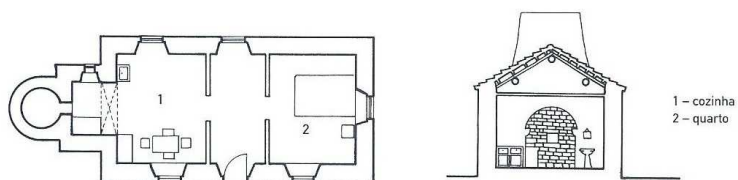


Figura 10_ Planta e corte casa janela-porta-janela (APDA)

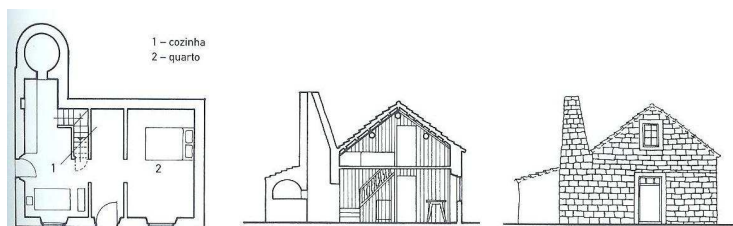


Figura 11_ Planta, corte e alçado casa empena-fachada (APDA)



Figura 12_ Modelos de casas comuns em Mosteiros (APA)

População

“A insularidade é, obviamente uma das dominantes fundamentais do povo açoriano que vive o contraste permanente entre o isolamento inevitável e a possibilidade de contacto com o Mundo através do mar que o rodeia.”⁵

O primeiro registo em termos de população data de finais do século XVI, em que, segundo Gaspar Frutuoso, a paróquia contava com 246 habitantes e 70 casas. Em 1835, havia 788 habitantes, distribuídos por 232 casas. A curva populacional de Mosteiros continuou a aumentar até 1954, atingindo os 2229 habitantes. A partir desta altura assistiu-se, devido a uma grande tendência migratória, a um decréscimo da população total, a qual era em 1981 de 1378 pessoas.

Segundo o resultado definitivo do recenseamento geral da população ocorrido em 2001, a freguesia de Mosteiros contava com 1157 habitantes. Neste momento a freguesia regista um ligeiro aumento em virtude de, nos anos recentes, ter-se verificado uma melhoria nas condições de vida assim como a radicação de estrangeiros oriundos de outros países europeus, facto que não ocorria há 8 anos. Nos meses de Verão a população tende a aumentar devido a turismo e à ocupação das habitações de veraneio e ao regresso dos emigrantes

A demografia desta localidade divide-se da seguinte forma: a população com menos de 15 anos de idade, população activa e população com mais de 65 anos a que correspondem as percentagens, respectivamente, 6,39%, 77% e 16,61%.

Ex-líbris



Figura 5_ Ilhéus de Mosteiros (APA)

⁵ Arquitectos, Ordem dos. (2000). *Arquitectura Popular dos Açores*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos

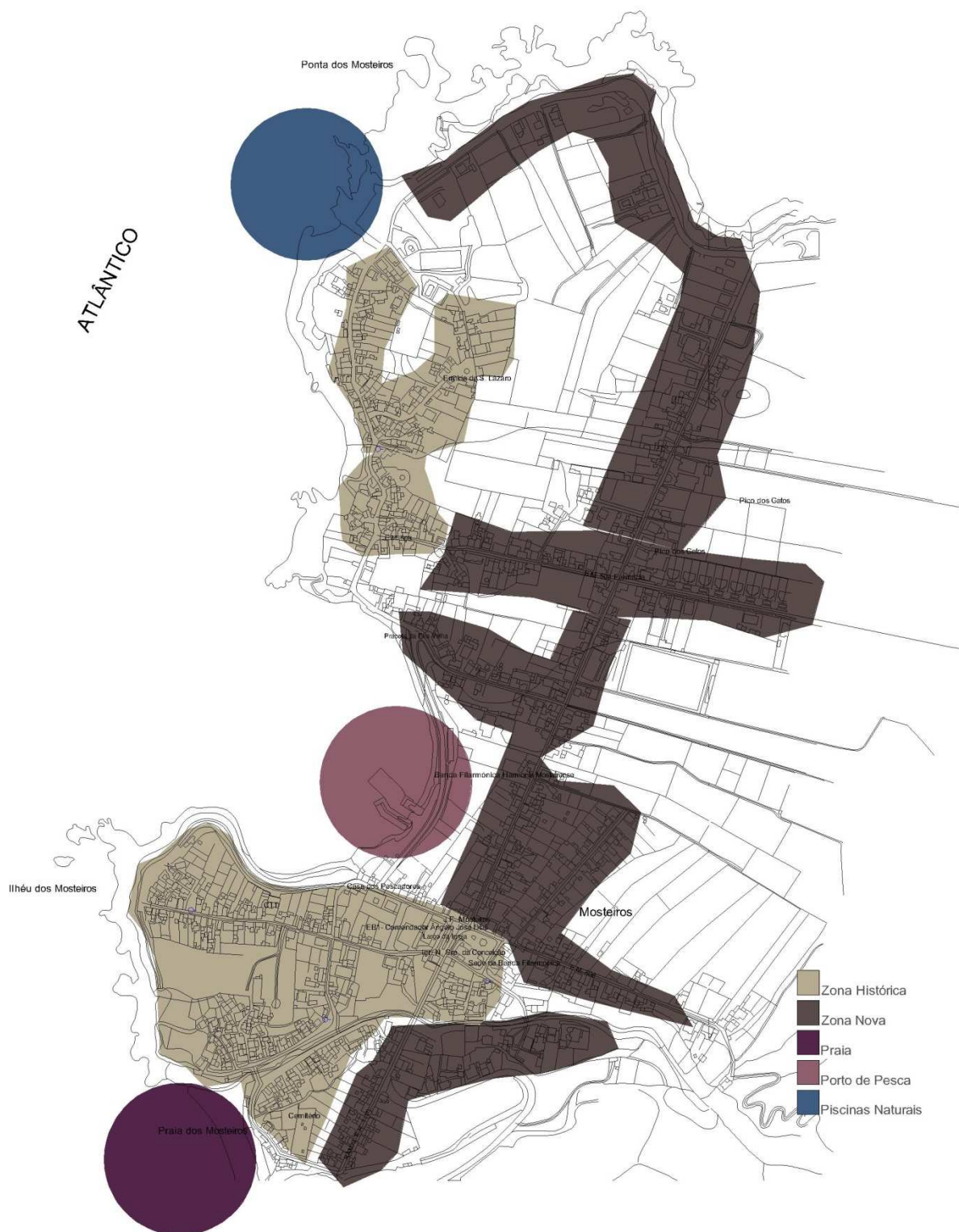


Figura 6__Análise da malha urbana de Mosteiros (CMPD) (APA)

“Como nos antigos cenários das óperas, com ondas mecânicas surgindo sugerindo o mar por onde se perdiam os heróis ou se alongavam os amantes. Carreiras paralelas de claro-escuro, rios de água sustidos por margens de outras águas, rios de rios, rios de marés. Azuis deslizantes, em contracorrente.

Ao encontro das rochas.

Rochas negras que entram pelo azul do mar. De tantos serem negras, vejo – as azuladas.

Parecem estátuas, e de noite vultos em contra-luz, aquelas formas retorcidas, mastigadas, erguidas em memento aos mortos da ilha que nunca se foram.

No encontro com o mar, é branco puro, alvura inimitável: quem terá palavras para descrever esta epopeia da lava da terra que invade o mar, da água do mar que sustém a lava que a invade (...)”⁶

O topónimo de Mosteiros deriva do seu ex-líbris, os Ilhéus (fig.13), que se implantam à margem da freguesia. Segundo consta, os fundadores da pequena localidade, notando a forma peculiar destas esculturas em pedra no meio do mar, associaram de imediato a um casarão / convento, daí o nome de Mosteiros. Junto a este «Casarão» encontram-se também duas grandes rochas que se assemelham à estrutura humana, às quais apelidaram de ilhéus do frade e da freira.

“O nome d’esta povoação lhe é dado, por que a um tiro de besta ao mar, tem diante de si quatro ilheos com proporção entre si tal, que representam quatro mosteiros no mar; e porque alli pela costa, e ponta Ryva até aos Escalvados estão taes concavidades, que outros tantos mosteiros apresentam. O ilhéu mais distante é só muito maior que os outros três juntos, à feição da igreja ou mosteiro, e por isso (segundo alguns dizem) se chamou d’ele ou de todos eles (que parecem mosteiros postos e edificados no mar) àquele lugar e freguesia, feita de fajã ao longo d’eles, Mosteiros.”⁷

Todavia, a origem geofísica dos ilhéus difere da restante fajã. Com uma observação mais atenta, conclui-se que estes foram separados da rocha estrutural da ilha numa época mais longínqua, devido à sua implantação, constituição e forma.

⁶ Fagundes, Luiz Duarte. (2009). *Azorean Spirit*, Sata Magazine nº30 Janeiro –Março. Ponta Delgada. Sata edições

⁷ Correia, Padre Daniel Arruda. (1983). *Memórias de Mosteiros*. Ponta Delgada



Figura 15_ Ilhéus de Mosteiros | Pôr-do-sol (APA)



Figura 16_ Praia de Mosteiros | Piscinas do Poço da Pedra (APA)



Figura 17_ Cais do porto de pesca | Barco de pescadores (APA)



Figura 7_ Construções na falésia | Rua da Beira Mar (APA)

A importância do Mar



Figura 8_ Porto de pesca de Mosteiros (APA)

A Freguesia sempre teve uma ligação muito forte com o mar por aí se localizar uma praia de areal basáltico e umas piscinas naturais. A existência de uma forte zona balnear, atribui à localidade o título de estância de veraneio do concelho de Ponta Delgada. Esta relação com o mar sobrevém também pela presença de um porto de pesca (fig.19) que ainda hoje é utilizado por muitos pescadores, como local de trabalho embora outrora o carácter piscatório da localidade fosse mais afamado havendo pelo menos um pescador por família.

Resumo

Neste primeiro capítulo, dá-se a conhecer a freguesia onde se localizam as piscinas naturais em estudo. Analisa-se a sua localização geográfica na ilha de São Miguel e a sua importância como destino relacionado com o mar. Faz-se uma abordagem à sua população e ao seu ex-líbris, os ilhéus. Para se perceber Mosteiros, é necessário perceber, a sua relação com o mar, a sua estruturação e planificação desde o início do povoamento em 1445.

Quanto à análise arquitectónica, a freguesia integra-se no contexto da arquitectura vernacular, presente em grande parte das freguesias da ilha, assim como na generalidade do arquipélago.

Igualmente são apresentados planos e mapas representativos da organização urbanística actual da freguesia.





Figura 9_ Piscina natural do Poço da Pedra Mosteiros (APA)

Capítulo II___ Zonas Balneares da Ilha de S. Miguel

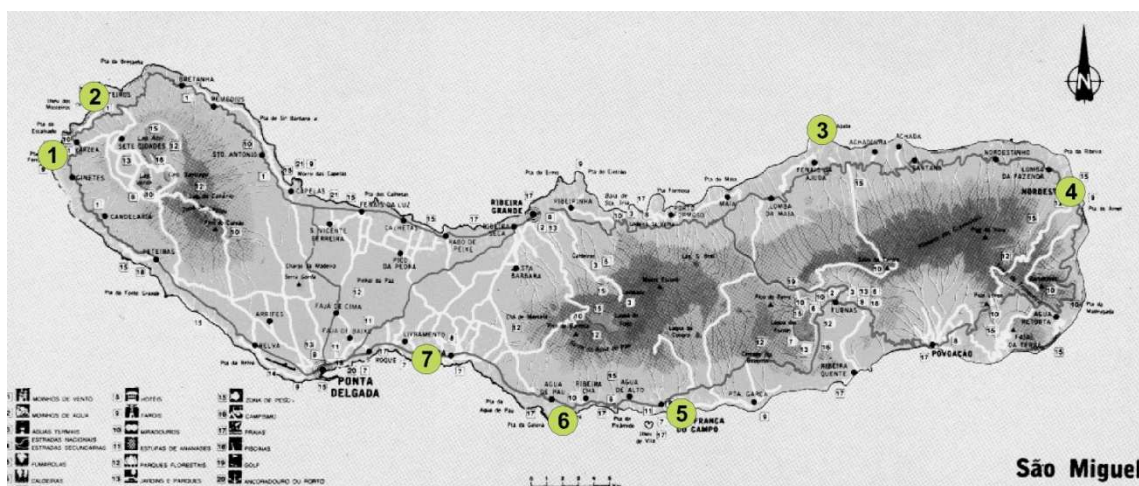


Figura 10 _ Piscinas naturais da ilha de São Miguel-1 Ferraria 2- Mosteiros 3- Fenais da Ajuda 4- Nordeste 5- Vila Franca do Campo 6- Caloura 7- Lagoa (A)

“Todas as falésias da Ilha de São Miguel são estranhas e ameaçam desabar sobre as águas. Torres enormes destacam-se no mar, assaltadas pelas vagas...rasgam-se cavernas nas paredes talhadas em fatias, dilaceradas e trágicas, com tons acinzentados e negros, ou descendo com suavidade até ao mar (...)”⁸

A encosta da ilha de São Miguel, como as encostas das restantes ilhas que compõem o arquipélago dos Açores, são recortadas por rochas que, ao tocarem o mar, dão origem a pequenos poços onde nos dias mais quentes, locais e visitantes de refrescam a contemplar o Atlântico. Nos Açores existem poucas praias de areia, deste modo, as piscinas naturais formadas pela rocha são os principais locais de veraneio e de uso pelos açorianos. Estas piscinas surgem nas cotas mais baixas das ilhas e há situações em que o acesso é bastante delicado, uma vez que não existem grandes infra-estruturas relacionadas com este locais. Cada ilha é composta por inúmeras áreas de piscinas naturais, umas mais conhecidas e frequentadas, e outras mais resguardadas, que acabam por ser apenas do conhecimento dos habitantes da envolvente mais próxima.

⁸ Brandão, Raúl. (1926). *As Ilhas desconhecidas*. Lisboa. Aillaud e Bertrand



Figura 11_ Piscina da Ferrara (APA)

As piscinas naturais dos Açores representam a natureza vulcânica, espontânea e irregular do basalto. Embora a mão do Homem molde e regularize formas e dimensões de acordo com as suas necessidades, estas conseguem sobressair, pese embora a aplicação de novos materiais, como o betão.

Com este trabalho traça-se o objectivo de estudar e analisar um caso prático da ilha de São Miguel, as piscinas naturais de Mosteiros. Aponta-se para o local soluções de apoio, acessos e equipamentos, que terão como base incontornável o lugar e a natureza. Esta análise começa por interpretar alguns lugares de piscinas naturais ao longo de toda a costa da ilha de São Miguel.

Em São Miguel existem sete grandes zonas balneares, incluindo Mosteiros, compostas por piscinas naturais, e inúmeros pequenos lugares, portos de pesca e pequenos poços que são também usados como piscinas.

Para além de Mosteiros, enumeram-se a Piscina da Ferraria, Piscinas de Fenais da Ajuda, Piscinas do Nordeste, Ilhéu de Vila Franca do Campo, Piscina da Caloura e Piscinas da Lagoa (fig.21). Estes locais têm uma afluência de pessoas durante todo ano, aumentando nos meses de Verão.

Piscina da Ferraria

(fig. 22) Localiza-se na costa rochosa da zona poente da ilha de São Miguel, na freguesia de Ginetes e é uma piscina caracterizada por possuir águas naturalmente aquecidas. O acesso ao local das piscinas é de pendente muito acentuada, todavia é frequentado durante todo o ano. A zona da Ferraria foi outrora uma zona termal. Este fenómeno de água quente à porta do oceano dá ao local uma extrema notoriedade.

No que toca à arquitectura, a piscina da Ferraria sofreu apenas alterações nos acessos, com a implementação de um percurso em madeira, escadarias em betão, e pequenas descidas para a água em aço inox. A forma irregular da piscina sobressai quando confrontada com a rigidez e geometria dos acessos. Nota-se a tentativa de inserção e interacção com o local no acesso em tábuas de madeira, que localiza-se na fase final do percurso, e que desenvolve-se através de uma estrutura serpenteada que contorna as rochas.

Esta intervenção arquitectónica na piscina da Ferraria traduz-se na necessidade inerente a este tipo de espaços: os acessos. A solução resulta assim, num contornar de situações que dificultavam a frequência da piscina, sendo por isso pouco elaborada, desenvolvendo apenas soluções básicas para a movimentação de pessoas nos diferentes níveis do terreno.



Figura 12_ Piscinas Naturais de Fenais da Ajuda (APA)

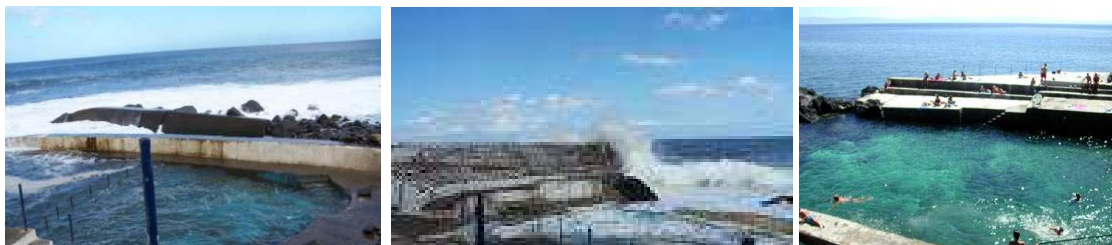


Figura 13_ Piscinas do Nordeste (A)

Piscinas Naturais de Fenais da Ajuda

(fig. 23) Estão localizadas na costa norte da ilha de São Miguel. De acesso livre, são quase intactas no que diz respeito à intervenção humana. Assim sendo, e devido à necessidade local de transformar o espaço, foi construída uma escada que vence a diferença de cotas, sendo esta o único acesso à linha de água. A zona de areia que antevê o mar é utilizada como solário e as rochas desenham quase em curva, pequenos muros que, uma vez protegidos da ondulação, proporcionam bonança às águas do Oceano.

No que diz respeito a formações naturais dos tanques e solários, as Piscinas de Fenais da Ajuda são as que mais se assemelham às Piscinas Naturais de Mosteiros.

Numa análise arquitectónica do local, as piscinas naturais de Fenais da Ajuda encontram-se pouco alteradas em relação às formas e aos espaços. Existe contudo, uma intervenção nos acessos que se encontra interrompida a meio da encosta devido à acentuada pendente da ilha neste local. O acesso a partir desta cota é efectuado através de um escadote em aço inox que diariamente é colocado e apoiado no solo.

A partir desta análise do local, pode-se concluir que a intervenção arquitectónica resume-se à inserção de elementos que desempenham funções de acesso.

Piscinas do Nordeste

(fig.24) A partir do topónimo das piscinas, percebe-se a sua localização na ilha de São Miguel. São piscinas de acesso gratuito, compostas por uma piscina natural, uma piscina infantil, instalações sanitárias e um pequeno bar. Em consonância com as restantes piscinas da ilha, a Piscina do Nordeste localiza-se num vale sobre uma topografia rochosa que lhe confere forma e profundidade. Os solários acontecem, à medida que se desce para o nível da água, em forma de anfiteatro curvo que acompanha a encosta. O acesso pedonal é feito a partir de um passadiço que acompanha os solários e leva a uma plataforma irregular de distribuição pelas instalações sanitárias de apoio.

O betão pintado é utilizado nas instalações de apoio, passadiços e solários. A madeira, a bagacina e a pedra rolada basáltica fazem parte da restante lista de materiais.

As piscinas do Nordeste numa análise da disciplina da arquitectura, são piscinas de forma regular e diferem dos restantes exemplos. O facto de se ter construído no plano anterior ao da rocha uma estrutura protectora em betão, faz com que, o contacto água - rocha não seja directo. Não se tem por isso, percepção imediata de piscina natural de corpo rochoso. Todavia, a sua implantação à cota da linha de água, aberta a uma zona de fortes correntes, fez com que fosse necessário a construção deste pontão, em forma de anfiteatro, para maior segurança dos utilizadores. O betão neste exemplo, para além da função reguladora dos tanques e das formas, surge como protecção à zona de piscina.



Figura 14_ Ilhéu de Vila Franca do Campo (APA)



Figura 15_ Piscina Natural da Caloura (A) (APA)

Ilhéu de Vila Franca do Campo

(fig. 25) Situa-se a sul da Ilha de São Miguel, quinhentos metros ao largo da frente de costa de Vila Franca do Campo. Por este motivo, o acesso é feito a partir de embarcações autorizadas que se deslocam regularmente e, propositadamente, para transporte de pessoas. É o exemplo mais agreste de zona balnear na ilha de São Miguel uma vez que se localiza numa cratera que forma uma ilhota. Pelas suas particularidades é considerado reserva natural, sendo assim, a mão humana, bastante controlada no que diz respeito a intervenções no local.

A viagem até ao ilhéu é rápida e agradável, especialmente no Verão. Demora cerca de 10 minutos e começa no cais de Vila Franca do Campo, terminando mesmo na «porta da cratera». Pode percorrer-se o interior da cratera através de estreitos percursos construídos pelo Homem que se dirigem a solários.

Os equipamentos de apoio e os próprios solários desenvolvem-se nas margens, em forma circular e acompanhando a rocha e a sua pendente. Todas estas intervenções humanas foram executadas com recurso ao betão, que é assim o material novo, e que por sua vez cumpre funções essenciais para o desenvolvimento e frequência desta, principalmente no que diz respeito a acessos e circulação.

A intervenção arquitectónica torna-se parte integrante do ilhéu na medida em que interage fisicamente com a envolvente da pequena ilhota. Ao longo de toda a encosta interior da cratera, criaram-se percursos estreitos que conduzem de forma funcional e distribuída. O início do percurso é marcado pelo cais de embarque, que se relaciona directamente com uma construção onde se desenvolve o equipamento balneário de apoio com casas de banho, duches e um pequeno bar.

O betão no ilhéu de Vila Franca do Campo transforma-se num elemento de paisagem e interage com o espaço de forma harmoniosa, tornando-se parte da estrutura da rocha, e fazendo com que as suas formas irregulares se destaquem através da normalização imposta pelo novo material.

Piscina Natural da Caloura

(fig.26) Recebe o nome, como acontece por regra geral em todas as piscinas da ilha, da localidade onde se situa, a sul na ilha de São Miguel e a vinte quilómetros da cidade de Ponta Delgada. A piscina localiza-se numa estrutura que se assemelha a um paredão e surge numa baía composta por rochas que naturalmente definem a sua forma.

O acesso é feito a partir de um pontão que termina num pequeno farol e sequencialmente na piscina. O tanque nasce no seio de uma rocha e a partir da superfície da piscina faz-se o acesso ao mar através de escadas. O pontão que leva até à piscina é construído em pedra basáltica aparelhada e a piscina foi aperfeiçoada no seu interior com betão pintado de azul. O betão, neste caso, é usado como moldador ou massa moldável que se adapta à rocha.



Figura 16_Complexo Piscinas Municipais de Lagoa (APA)

A intervenção arquitectónica na piscina da Caloura surge para oferecer acessos à zona de rocha que dá origem ao tanque da piscina. Este ganhou forma ao largo da baía, aproximadamente a cem metros, fazendo com que fosse necessário a construção de um percurso longo e estreito.

A intervenção consiste, num percurso em pedra e betão, em forma de pontão, que termina na zona de tanque. O tanque da piscina foi redesenhado através do betão, originando desníveis dentro da piscina, e atribuindo ao tanque diferentes profundidades. Introduce-se uma «massa» de betão que se adapta à estrutura rochosa que dá corpo à piscina. A partir desta estrutura criou-se também um acesso em escadas para a zona envolvente de mar, possibilitando a frequência desta.

A piscina da Caloura no que respeita à arquitectura e configuração, funciona como uma extensão a partir da baía que segura a forma irregular oval, evidenciada pelo betão, uma vez que este regulariza toda a zona de tanque.

Complexo das Piscinas Municipais de Lagoa

(fig.27) Novamente no sul da ilha de São Miguel, o complexo de Lagoa é composto por piscinas naturais, piscinas artificiais e piscinas de marés.

De todas as zonas balneares com piscinas naturais, o complexo de Lagoa é o mais modificado e equipado. A intervenção é da autoria do Arquitecto Francisco Keil de Carvalho e é uma proposta que recorre ao betão como material regulador do espaço. No que diz respeito a equipamentos, o complexo é composto por um bar, esplanada, instalações sanitárias e instalações náuticas. O betão utilizado materializa solários, acessos, percursos e volumetrias. Contudo, esta massa de betão não é levada até ao limite uma vez que este é desenhado pelas rochas. A entrada é marcada por uma volumetria que controla os acessos.

As piscinas da Lagoa situam-se numa cota elevada em relação à linha de água, distribuindo-se por todo o terreno de forma fragmentada. O material eleito na intervenção é o betão, e a escolha deste material, segundo o Arquitecto, surge da preocupação em relacionar a proposta com a envolvente construída.

As piscinas naturais de Lagoa são um complexo de piscinas de autor. Este facto é contudo, pouco assinalado, ao longo da costa da ilha de São Miguel.



Figura 17_ Vista aérea da Ferraria (GE) | Piscinas Naturais de Fenais da Ajuda (APA)



Figura 18_ Piscinas do Nordeste (A) | Ilhéu de Vila Franca do Campo (APA)



Figura 19_ Piscina Natural da Caloura (A) | Complexo Piscinas Municipais de Lagoa (APA)

Resumo

Neste capítulo analisam-se, do ponto de vista da implantação, forma e arquitectura, vários exemplos de piscinas naturais na costa da ilha de São Miguel.

Em todos os exemplos existe a necessidade de regularizar formas e espaços de forma a definir os limites das piscinas e melhorar os acessos às mesmas. O betão é, em todos os exemplos, o material utilizado nas intervenções, na construção de escadas e rampas de acessos, na pavimentação de tanques e na construção de equipamentos de apoio. Percebe-se, através desta análise, que existe preocupação em introduzir o material betão para que este se torne parte integrante da paisagem rochosa.

Nos casos analisados, percebe-se que as transformações que sofreram, procuram melhorar, acima de tudo, os acessos e os apoios, com a criação de percursos, de balneários e zonas de duches.

As intervenções arquitectónicas na zona de costa de São Miguel procuram integrar novos materiais e novas formas, para responder a necessidades e para que as existentes irregularidades da rocha vulcânica, sobressaíam.





Figura 20_ Acesso à Piscina do Poço da Pedra Mosteiros (APA)

Capítulo III__ Paisagens Construídas

“A relação entre Natureza e Construção é decisiva na arquitectura. Esta relação, fonte permanente de qualquer projecto, representa para mim como uma obsessão; sempre foi determinante no curso da história e apesar disso tende hoje a uma extinção progressiva.”⁹

Ao longo dos tempos foram surgindo diferentes interpretações do termo paisagem, conforme o contexto social, cultural e científico. Assim a paisagem nos dias de hoje é exemplificativa de uma sucessão de processos evolutivos de uma «colonização» da paisagem natural através de uma trama de usos e de transformações. O termo paisagem, jamais poderá ser interpretado como um elemento estático, mas sim, enquanto uma estrutura composta por diferentes sistemas naturais que se sobrepõem e vivem em conjunto. Por isso, intervir num território não urbano, implica desde o início entender as sucessivas estruturas e padrões que definem e organizam esta paisagem.

Em arquitectura, mais que em qualquer outra área, essa relação tem de ser feita de forma saudável, num mundo em plena mudança, em que construções se acumulam por todo o território. Saber parar, ouvir, e, essencialmente, olhar para o que nos rodeia antes de começar a projectar, ou a pensar num projecto, é fundamental para ser integrar a ideia num lugar.

Nesta dissertação, procura-se, acima de tudo, analisar e compreender a natureza e as suas intervenções nas frentes costeiras da ilha de São Miguel, partindo do exemplo de piscinas naturais que, ao longo do tempo o Homem foi-se apropriando desses pequenos espaços, intitulando-os de piscinas.

Muitos dos casos mencionados ao longo do segundo capítulo, recorrem a novos materiais, essencialmente betão, para caracterização das zonas balneares. Todavia, sobrevém o risco de estes locais se transformarem em piscinas artificiais, inseridas num contexto natural, daí a extrema importância de analisar o espaço de intervenção para que a conjugação do novo e do pré-existe resulte num casamento harmonioso e de qualidade.

⁹ Siza, Álvaro. (2000). *Imaginar a Evidência*. Lisboa. Edições 70



Figura 21_ Piscinas Naturais, ilha do Faial (A) | Centro das Artes, ilha da Madeira (A)



Figura 22_ Vista aérea Piscina de Leça da Palmeira (A) | Percurso, Piscina de Leça da Palmeira (A)



Figura 23_ Piscina, ilha de São Jorge (APA) | Piscinas de Santa Cruz das Flores (APA)



Figura 24_ Central de energia das ondas da ilha do Pico (APA) | Piscinas das Salinas, Madeira (A)

Nas piscinas localizadas na freguesia de Mosteiros, os seus tanques continuam a ser escavações naturais na rocha, concavidades de fundo rochoso e rico em elementos orgânicos, assim como em pequenas algas e peixes. Os solários são quase “terapeuticamente” proporcionados por uma zona resguardada de pequenas pedras que, com os anos, desprendem-se das rochas e do fundo do mar. Por acção da erosão foram ganhando uma forma mais arredondada e suave. Esta zona de improvisados solários, por se situar na entrada das piscinas, é também zona de acessos e distribuição.

Ao longo de toda a área onde se implantam as piscinas pode perceber-se que a natureza se encarregou de criar tanques de menor profundidade que, por essa razão, são frequentados por crianças e jovens, e tanques mais profundos que, contudo, oscilam com as subidas e descidas de marés. As zonas de maior profundidade são extremamente protegidas pelas rochas altas que não permitem a entrada das ondas de maior porte, daí a segurança que oferecem.

A relação entre o natural e o construído faz com que seja estabelecido um conjunto de novos significados, sensações e comportamentos, que conferem aos lugares uma nova dimensão através da transformação de território e do modo como o Homem encarou a paisagem naquela altura ou circunstância.

“Há condições e imprecisões que eu aqui não poderei evitar. Exactamente porque o conceito de paisagem como arquitectura ou o de arquitectura como paisagem geram um equívoco do qual ambas saem maltratadas.

A própria ideia de paisagem é versátil e instável, varia conforme o contexto em que se situa.

Mas ousa dizer que não há que ter medo de conviver com estas contradições e dualidades, pois à mesa do desenho (todas) elas se dissipam.” ¹⁰

A paisagem, como lugar de intervenção do Homem, é composta por elementos naturais e por elementos construídos por este. Esta combinação de elementos transforma os lugares naturais em lugares naturalizados ou de carácter artificial. São as características e elementos intrínsecos desse lugar que se tornam essenciais para o entendimento e compreensão das acções humanas.

Assim, conclui-se que os ambientes e as paisagens naturais fornecem as premissas para as novas intervenções, fazendo desta forma com que se estabeleçam laços entre a paisagem construída e a paisagem natural.

¹⁰ Neves, José Manuel das. (2000). Textos do arquitecto Manuel Tainha. Lisboa. Estar-Edições



Figura 25_ Casa da Cascata – Frank Lloyd Wright | Casa Malaparte – Adalberto Libera | Museu da Arte - Tadao Ando (A)

Água

“Nas frentes de mar, a água desenha a paisagem como elemento estruturante que é. Para além disso como elemento instável, define os processos e os desenhos metamórficos do território. Limita assentamentos, provoca recolhimentos e marca inclusivamente pela força catastrófica que inspira em situações climáticas adversas. Cidades como Veneza ou Amesterdão são o exemplo vivo e em tempo acelerado desta metamorfose que as frentes de água imprimem à ocupação do território e das formas urbanas.

De todas as formas que observamos, a água oferece-nos invariavelmente um limite, fecha-se sobre nós e abre portas para o horizonte.”¹¹

A água desempenha um papel predominante na natureza e pode desempenhar na arquitectura. Com o decorrer do curso de arquitectura, várias vezes há a oportunidade de analisar, estudar e propor em projectos, o tema «água». A presença de água, confere identidade ao planeta, tornando-se símbolo de vida pelas suas características morfológicas e complementares à existência humana. A água acrescenta assim, uma espécie de micro-escala às paisagens que não têm essa dimensão, e como simbolismo e significado às que já a possuem. A água é sinónimo de movimento e dinamismo ao mesmo tempo que é determinante para a introdução de qualidades paisagísticas no contexto biológico da paisagem.

A água pode ser tema principal de muitas construções, e influência directa nas opções do arquitecto. Há casas que nascem e vivem a partir do mar, construções com fachadas que são transformadas pela existência e proximidade do elemento água. Nos Açores, a arquitectura nasce fundamentalmente nas zonas litorais das ilhas, e resulta da necessidade de um sentimento de protecção. Desta forma as ilhas estão de olhos postos no mar.

As casas vistas à distância do mar, fazem com que a imaginação as transforme em pequenas «casas» brancas. Quando a distância encurta, estas vão parecendo cada vez mais, «casas» brancas.

Nuno Portas em, “Cidades e frentes de água”, relaciona a água com a vida humana, “A Água está simbolicamente e territorialmente ligada à vivência do Homem de uma forma intrínseca. Representa uma fonte de fertilidade, de estabilidade, de sustento, meio de comunicação, fonte de lazer, de tal forma que se tornou um elemento básico nas estruturas do lugar.”¹² E faz referência a obras e arquitectos que viram na água ideias de projecto e de conceito inovadores e precursores na arquitectura mundial contemporânea.

¹¹ Portas, Arquitecto Nuno. (1998). *Cidades e frentes de água*. Porto. Centro de estudos da Faup. Edições Faup

¹² Portas, Arquitecto Nuno. (1998). *Cidades e frentes de água*. Porto. Centro de estudos da Faup. Edições Faup

¹³ Portas, Arquitecto Nuno. (1998). *Cidades e frentes de água*. Porto. Centro de estudos da Faup. Edições Faup

¹⁴ Carndell, Luís. *Arquitectura Ibérica nº4 «Museus»*



Figura 26_ Limite terrestre de uma ilha | Fajãs da ilha de São Jorge | Piscina do Poço da Pedra em Mosteiros (APA)

“Ainda hoje a água desempenha um papel fundamental na sua relação poética com a arquitectura. Da Casa Cascata de F.L.Wright, à Vila Malaparte de Alberto Libera, das metáforas aquáticas de Le Corbusier aos espelhos de água de Tadao Ando (fig.36), a água revela-se desde funções simbólicas e contemplativas a funções práticas no processo recorrente da arquitectura.”¹³

A água torna-se assim complemento na arquitectura, faz parte dela, e vive em sintonia com esta. A arquitectura das piscinas naturais é uma arquitectura que nasce do mar e vive do mar, uma vez que é com as marés que a água surge nos tanques, quer estes sejam redesenhados pelo Homem ou continuem escavados em rochas criadas pela natureza.

Ao redesenhar uma paisagem de mar está-se a redesenhar uma imagem, uma memória, um elemento da natureza que com a sua força e fluidez, se desenha em cada maré, em cada onda e em cada costa.

“O mar não é apenas um universo de água, mas também uma forma de cultura, uma maneira de ser e de sentir e de ver as coisas...”¹⁴

Limite

“A frente de mar, como espaço limite, apresenta um carácter extremamente característico e singular, de fortes fusões e potencialidades que muito interessam a uma proposta de arquitectura, espaços que, ao longo dos tempos, têm sido ocupados, sujeitos a transformações, crescimentos inerentes a variadas formas de subsistência ou por múltiplas interpretações da orla marítima pelos sucessivos povos e culturas desde o primitivo Homem pescador, às indústrias, aos interfaces marítimos e aos equipamentos multifuncionais que actualmente se instalam.”¹⁵

Na habitação construída em frente de mar, o seu limite a partir do interior pode ser uma parede, uma janela, ou a paisagem exterior que se vê a partir dela. No exterior da habitação o limite, em primeira instância, pode ser o terreno onde esta habitação se implanta, a encosta onde assenta o terreno, o início do mar ou a linha do horizonte. Extrapolar o conceito limite leva à definição de infinito, e até ao alcance do olho humano. Com este exemplo percebe-se a variedade de limites que espaços e paisagens podem ter e os significados que podem representar.

No caso das piscinas naturais o limite imposto ao banhista é definido pela rocha. Há piscinas onde o limite foi desenhado de forma natural, outras onde se percebe o limite imposto pelo Homem. Nas piscinas de Mosteiros pode-se encontrar os dois exemplos. Espaços onde se apreende um limite

¹⁵ Borges, José Manuel do Vale Pereira. (2005/2006). *P.F. 610 Arquitectura e Limite*. Porto. Faup



Figura 27_ Pedra Basáltica (APA)

imposto pela rocha e zonas onde este limite foi definido pelo Homem. O limite em arquitectura é importante para a definição de espaços e formas.

No decorrer desta dissertação fala-se e pretende continuar-se a falar de limite enquanto mar, horizonte, linha que desenha a costa de uma ilha. Por esta definição de limite conclui-se que não é uma fronteira mas sim uma continuidade. Construir com o limite de uma paisagem, é criar ligações visuais e físicas estabelecendo pontos para onde se direcciona o olhar.

Explorar o conceito limite ajuda a perceber a forma dos espaços e é fundamental para o arquitecto ter a percepção do limite dos espaços e das paisagens onde pensa, projecta e constrói. Igualmente ao arquitecto cabe perceber como se relaciona o limite entre a terra e o mar. Esta reflexão sobre limites e formas que desenhavam piscinas na costa de uma ilha, leva a entender e melhorar a percepção sobre estes espaços.

Pedra

“ (...), Em arquitectura, o acto de «petrificar» foi e continua a ser um gesto que pretende transformar em duradouro, perpetuar ou imortalizar o projecto construtivo, tanto do ponto de vista tectónico como metafórico.

Desde o Paleolítico (...) o ser humano compreendeu que não existia melhor refúgio que o interior da rocha, o material mineral e em concreto, a pedra desempenharam um papel primordial na arte de projectar e de construir edifícios. Embora, com o seu aparecimento o betão armado e as estruturas em aço tenham retirado relevo à pedra como elemento estrutural, esta continuou a ter um papel fundamental como revestimento ou elemento decorativo.

Actualmente entende-se por arquitectura «petrificada» no sentido metafórico do termo, uma arquitectura que se veste de pedra para transmitir sensações de solidez, estabilidade, impermeabilidade, resistência ou perpetuidade (...)” ¹⁶

O basalto (fig.38) é, por definição, a pedra dos Açores. Desde o início do arquipélago que a abundância da rocha basáltica, resultado da actividade vulcânica da região, é o principal material de construção do povo açoriano. Esta pedra preta, rugosa e irregular, resulta do fenómeno de solidificação

¹⁶ A.Bahamón e P. Pérez. (2008). Analogias entre o mundo mineral e a arquitectura contemporânea. Lisboa. Editora Dinalivro e Parramón Ediciones2008



Figura 28_ Letreiro escrito em basalto | Casa com bandas e contornos em basalto (APA)



Figura 29_ Muro em basalto | Fontanário (APA)



Figura 30_ Aplicações de basalto em portas e janelas da escola de Mosteiros (APA)



Figura 31_ Pavimento em basalto na praça central de Mosteiros (APA)

da lava do vulcão em contacto com o ar e com o mar. Contudo, este tipo de pedra é bastante permeável e na zona da costa de cada ilha, sofre mutações geológicas que alteram e criam formas díspares.

O basalto está na base da arquitectura vernacular açoriana e continua a ser um material muito utilizado, devido à sua elevada massa térmica, e durabilidade. No entanto, tal como aconteceu com a madeira, o recurso à pedra tornou-se menos frequente, devido à crescente utilização dos dois novos materiais: o aço e o betão, resultantes da modernização que surgiu com o advento da Revolução Industrial.

Fazer arquitectura em pedra, é acima de tudo relacionar as construções com a região onde se inserem, mas é também sinónimo de força.

Como já anteriormente foi referido, no segundo capítulo, as piscinas naturais da ilha de São Miguel e, regra geral, dos Açores, são piscinas feitas de pedra e na pedra, escavações de dimensões variadas inundadas por água do mar, ganhando assim carácter e forma.

Estas rochas são muitas vezes deslocadas pela força das ondas, fissuradas, e suavizadas texturalmente pela erosão do sal, sofrendo também alterações cromáticas pela permanente exposição ao sol e à água salgada.

O basalto conta a história dos Açores. Só com alguma habituação consegue-se percorrer a pé a encosta da ilha, uma vez que são também rochas muito escorregadias e de relevo pontiagudo e, em alguns casos, assemelham-se a estalagmites que nasceram junto ao mar. A sua cor preta contrasta com o resto da paisagem de casas brancas e com o azul do mar.

Nas piscinas naturais de Mosteiros, as rochas e pequenas pedras adquiriram funções impostas pelo Homem. Ao longo dos anos foram nascendo caminhos e formas de chegar às piscinas, que em alguns casos se assemelham a percursos com pequenos degraus e rampas desenhados nas rochas.

O facto de as «paredes» em rocha que formam os limites das piscinas terem diferentes altimetrias, faz com que sejam utilizadas como pranchas de mergulho e de saltos para a água. A zona de entrada das piscinas é utilizada como zona de solários. Neste local, as rochas desfragmentaram-se proporcionando a este espaço um carácter mais estável e plano, através de pequenas pedras arredondadas mais conhecidas por pedras-pomes. Uma vez por ano, geralmente no início da época balnear, estas pequenas pedras são reorganizadas de forma a dar origem a um percurso directo à zona de entrada na água.

O material pedra, é na arquitectura das piscinas naturais de Mosteiros, material predominante e estruturante.



Figura 32_ Pedra Basáltica Laminada | Habitação em pedra (APA)



Figura 33_ Palácio da Justiça de Santa Cruz das Flores (APA)



Figura 34_ Centro de interpretação ambiental e cultural da ilha do Corvo (APA)



Figura 35_ Casa de apoio à montanha do Pico (APA)

Resumo

“Para Caldeira Cabral por exemplo a Arquitectura Paisagista é a «arte de ordenar o espaço exterior em relação ao homem». Mais interessante e divertida é para mim a definição que Luís Barragan dá de paisagem. Para ele paisagem será «todo o espaço sem tecto». (...) O espaço exterior não é um mero espaço residual do edificado mas sim o seu complemento orgânico, lógico, prático. «Cada vez há mais meio e menos natureza» - disse o Karl Marx há mais de um século.”¹⁷

Neste capítulo ressalta-se a percepção da relação entre a natureza e a arquitectura, e a forma como comunicam através dos seus elementos. Procura-se, através de uma abordagem a elementos naturais, como a água, a pedra e os limites de paisagens, perceber a importância que estes elementos adquirem quando se intervém num território natural. Construir com a natureza é construir com os seus elementos, e, esta interacção faz com que cada intervenção na paisagem nasça em simbiose com ela.

Analisa-se a água e a pedra como elementos estruturantes de uma paisagem de piscinas naturais. Percebe-se a importância do basalto no contexto açoriano e na realidade das piscinas naturais de Mosteiros, na medida em que, é, a partir das rochas que os tanques das piscinas surgem. As intervenções nas zonas de costa de uma ilha são da responsabilidade do Homem, daí, a importância deste tema, e elementos, para a percepção das piscinas no seu sentido mais vasto.

¹⁷ Neves, José Manuel das. (2000). *Textos do arquitecto Manuel Tainha*. Lisboa. Estar-Editora

IV



Figura 36_ Construções junto ao mar na freguesia de Mosteiros (APA)

Capítulo IV___ Construir Junto ao Mar

“O gosto de construir «com a água», em linhas costeiras, na proximidade dos estuários e /ou do mar, identifica desde há muito o «construtor» português-ele sabe alimentar-se dessa paisagem edificando-a num diálogo permanente entre natureza, programa e artifício. Também, desejo nítido no “regresso de um autor” ao sítio atlântico por excelência, o da sua «piscina nas rochas» de Leça da Palmeira, junto ao Porto (...)

(...) Sítios reinventados através do desenho atento à natureza, à costa, à inevitável e cíclica mudança das marés.”¹⁸

Construir junto ao mar é, em arquitectura, aliciente. A freguesia de Mosteiros tem, como já referido, uma grande tradição relacionada com o mar, e, da análise da freguesia, percebe-se que esta cresceu e se desenvolveu nas zonas litorais em contacto com o mar.

Algumas construções surgem, incorrectamente, de forma ilegal, pois é visível o seu ordenamento deficiente e a fraca qualidade construtiva e de urbanização. A zona norte da freguesia, por sua vez, está liberta de construções em contacto directo com a costa. Assim na Rua da Beira-Mar, onde se localizam as piscinas naturais, podem encontrar-se construções voltadas ao mar, cuja separação deste é realizada pela rua.

Lugar

“Um lugar tem de se tornar uma paisagem interior para que a imaginação comece a habitar esse lugar e fazer dele o seu teatro”.¹⁹

“Na concepção de um projecto arquitectónico, o lugar onde se vai construir é fundamental para que o projecto se desenvolva. Perceber, olhar e interpretar este lugar faz com que surjam ideias e conceitos que a partir de um programa exercem grande influência no local a construir. Depois da análise do lugar, (...) Nunca mais o olhar sobre o lugar será o mesmo: inocente e isento.”²⁰

¹⁸ Fernandes, José Manuel. (1998). *Arquitectura Portuguesa do Mar, das Pedras, da Cidade*. Lisboa. Gabinete de Relações Internacionais, Ministério da Cultura

¹⁹ Calvin, Italo. (2006). *Um Eremita em Paris*. Lisboa. Companhia das Letras

²⁰ Kiesler, Frederick. *Inside the endless house*



Figura 37_ Construções junto ao mar (APA)

Perceber um lugar no âmbito das intervenções humanas na paisagem, é importante, pois são estas que são as criadoras dos espaços. O lugar pode ter múltiplas interpretações. Pode ser o espaço onde se constrói, ou onde as pessoas se inserem, nascem, vivem e trabalham.

O significado de lugar não é apenas global. Possui significados culturais e de importância que representam a realidade onde se insere. Um lugar inserido numa paisagem ganha diversas interpretações segundo várias perspectivas.

“O lugar apresenta-se ao nosso entendimento e à nossa sensibilidade não só como um acervo de factos e acontecimentos que nele foram sendo depositados ao longo dos tempos (memória dos lugares), mas sobre tudo como uma combinação simultânea, um «acorde» de figuras e grandezas medidas pelas suas relações de escala e de posição no espaço, moldando o seu universo próprio.”²¹

O mar é também um lugar, e no caso em estudo, fala-se de mar como criador de lugares. As piscinas naturais de Mosteiros são um exemplo prático de como a importância de um lugar faz com que este se torne fonte de atracção.

Em arquitectura o lugar pode ser interpretado de várias formas. Pode falar-se de um espaço onde se vai construir ou onde já se construiu. É importante a sua análise e a percepção da sua envolvente pois nenhuma obra vive sem acessibilidades a uma comunidade. Esta jamais nasce ou vive sem a influência do lugar. A escolha de materiais deve ser feita de acordo com o lugar ou localidade onde se insere de forma a relacionar-se com a envolvente.

No lugar das piscinas naturais pode sentir-se uma relação instintiva com a envolvente. A envolvente nasce nas suas margens e abre-se ao espaço que dá acesso à zona de tanques.

A compreensão do lugar é uma experiência essencial que nasce associada à forma como os diversos espaços, existentes em determinadas situações geográficas, são habitados. Todavia, a intervenção do Homem na natureza alcança diferentes dimensões consoante os lugares onde é realizada, dando origem a uma realidade distinta para esses espaços.

“Sentiremos então que ali não estamos sós. (...) Por isso se diz e com razão que o lugar é uma das forças que intervêm na concepção dos factos arquitectónicos.

O ambiente torna-se tão importante quanto o objecto, se não mesmo mais, porque o objecto vive no espaço circundante e assimila a realidade do ambiente, não importa em que espaço esteja: encerrado, aberto, ao ar livre ou a coberto.”²²

²¹ Kiesler, Frederick. *Inside the endless house*

²² Kiesler, Frederick. *Inside the endless house*



Figura 38_ Habitações na costa de Mosteiros (APA)

Programa

“A arquitectura começa sempre por um problema. E esse problema é a manifestação de uma necessidade, de uma carência despertada pelas forças de mudança (...) Necessidade gera sempre novas necessidades. Fazer é sempre um refazer (...) O problema é pois o ponto de partida de todo o processo arquitectural.”²³

Como defende Tadao Ando, em arquitectura há uma parte que resulta do raciocínio lógico e outra criada pelos sentidos. Existe sempre um ponto em que ambas se chocam, não me parece que se possa criar arquitectura sem essa colisão.

A arquitectura não pode existir sem programa e sem propósito e, é a partir da ideia do arquitecto que a arquitectura se materializa. Este processo de criação, e a capacidade de transformar algo, atribuindo-lhe um leque de significados, está intrínseco à função do arquitecto. A arquitectura sobrevém do programa e da ideia, mas só ganha vida através da sua materialidade.

O programa faz parte do processo de trabalho, e, percebê-lo, implica uma análise. A sua distribuição surge do estudo pormenorizado de pessoas, hábitos, regulamentos e necessidades. Um programa funcional é um fio condutor que interliga eficazmente funções, espaços e zonas de circulação.

Um programa para um equipamento balnear, obedece a legislação e regulamentos por se tratar de um equipamento de uso público. A partir dos regulamentos distribuem-se funções e definem-se propósitos.

“ Pelo que ficou dito já se vê que aqui não me refiro apenas ao programa como repertório de necessidade e requisitos das actividades a instalar, enunciado apriorístico e algo tirânico de «coisas» (as unidades de espaço que cumpre ordenar como se de um puzzle se tratasse e que necessariamente teremos sempre de descodificar em termos de funções. A nomenclatura das unidades de espaço não descodifica todo o seu conteúdo de funções nem os padrões do seu uso (...). Por aqui se reconhece que programa e propósito são noções equivalentes à partida para o projecto. E, como já tenho dito, os propósitos não fazem arquitectura, não há arquitectura digna desse nome que se faça sem eles.

É a partir do programa assim entendido como sujeito da arquitectura que se chega à noção de “material” como que se compõe a obra o equivalente ao material poético (...)

É assim a força que regula os limites da nossa liberdade, ou se quiserem, que regula a liberdade dos limites. Goethe: dizia que «é o trabalho feito dentro de limites que se revela o mestre». A limitação, verdadeira condição de qualquer arte, é o estilo. “²⁴

²³ Neves, José Manuel das. (2000). *Textos do arquitecto Manuel Tainha*. Lisboa. Estar-Editora

²⁴ Neves, José Manuel das. (2000). *Textos do arquitecto Manuel Tainha*. Lisboa. Estar-Editora

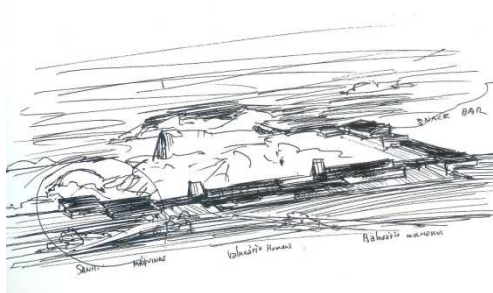


Figura 39_ Esquícios e Maqueta das Piscinas de Leça da Palmeira, Siza Vieira (A)

Projecto

“ O que é um projecto?

Um projecto é uma representação gráfica desenhada sobre um suporte apropriado cujas medidas têm uma proporção adequada com o objecto a realizar ou já realizado. (...)

Conceito de projecto

Um projecto é uma representação gráfica sobre uma superfície plana, em geral papel, de algo que queremos deixar perfeitamente determinado e documentado através de um desenho linear.” ²⁵

Um projecto de arquitectura é sempre uma promoção de uma ideia. A palavra «projecto» foi usada pela primeira vez no século XVI e deriva do Latim *projicere* (= lançar para a frente). Todavia, historicamente a palavra e o conceito já eram utilizados por arquitectos no século XV.

Filippo Brunelleschi através do conceito projecto introduziu duas inovações na prática de arquitectura, ao chamar *Progetto* a um desenho para a cúpula da catedral de Florença e ao racionalizar a arquitectura. Ofereceu assim, uma nova perspectiva temporal que tornou possível a partição entre o planeamento e a performance, o projecto e a implementação. A partir de Brunelleschi repensa-se o termo «projecto» de forma a encará-lo como ideia organizadora da acção.

Como em qualquer actividade, também na arquitectura, o projecto pressupõe um objectivo e uma intenção. O projecto necessita de uma metodologia e um período de tempo que passa pela fase do seu planeamento até à sua execução. Este período de tempo é necessário para análise de limites, programas, formas e definição de funções e espaços.

“ Tal como noutras áreas, o projecto em arquitectura e planeamento é complexo por via da extensão das alternativas possíveis de escolha face a uma situação concreta, baseando-se normalmente as opções realizadas na «inspiração» e na experiência devido à indisponibilidade de um método eficaz de apoio à síntese. “

“ Das várias dimensões que se adivinham no processo, duas há que particularmente ressaltar como estruturantes do todo - a hierarquização/redução da complexidade e o mecanismo de transformação de problemas.

Fases do projecto:

- Localização de limites e identificação de conflitos
- Estruturação do «problema»
- Construção de sub-soluções em hipóteses alternativas
- Avaliação das hipóteses e selecção da solução final.” ²⁶

²⁵ Ramos, Juan de Cusa. (1998). *Como interpretar um projecto*. Lisboa. Plátano Edições Técnicas

²⁶ Pinto, Luís Manuel Ferreira. (1985). *Concepção em arquitectura e planeamento, um programa para apoio à decisão*. Lisboa. LNEC

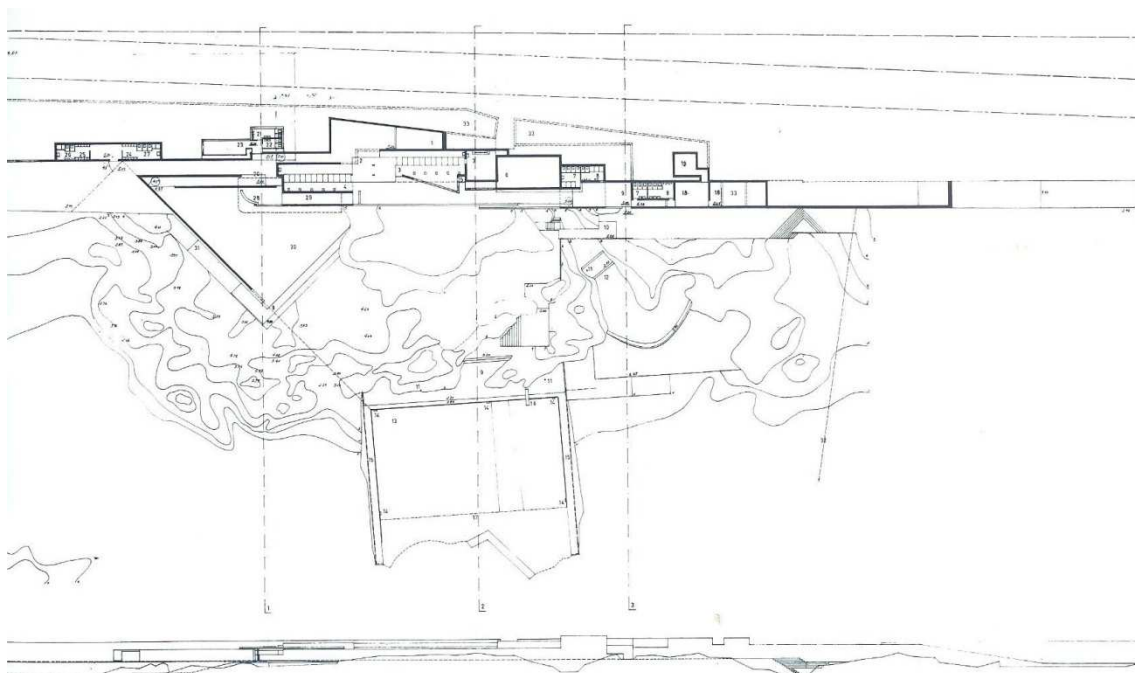


Figura 40_ Projecto Piscinas de Leça da Palmeira, Arq. Siza Vieira (A)

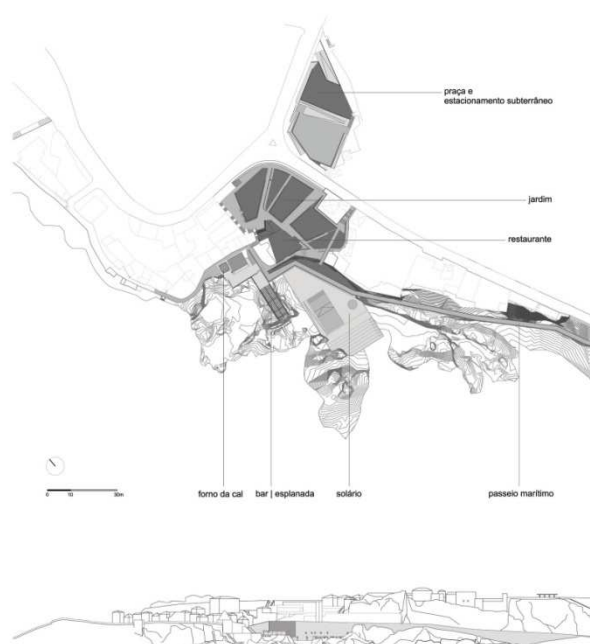


Figura 41_ Projecto Piscinas Naturais das Salinas, Arq. Paulo David (A)

Resumo

Este capítulo surge no decorrer da dissertação, para a percepção do projecto de arquitectura focalizado na intervenção junto ao mar.

Na primeira fase da análise estuda-se o lugar. As suas relações com a envolvente, e as diferentes definições de espaços. A partir desta abordagem, parte-se para uma interpretação e estudo das construções junto ao mar. Uma análise que procura perceber a importância do mar como elemento natural constante numa ilha, e a sua relação com a arquitectura.

Para se perceber uma intervenção arquitectónica num território, é importante assimilar e interpretar o programa que dará origem a um projecto. Daí neste capítulo, tentar perceber-se o programa e o projecto de arquitectura como elementos fundamentais para a concepção de uma ideia através das diferentes fases que os caracterizam.



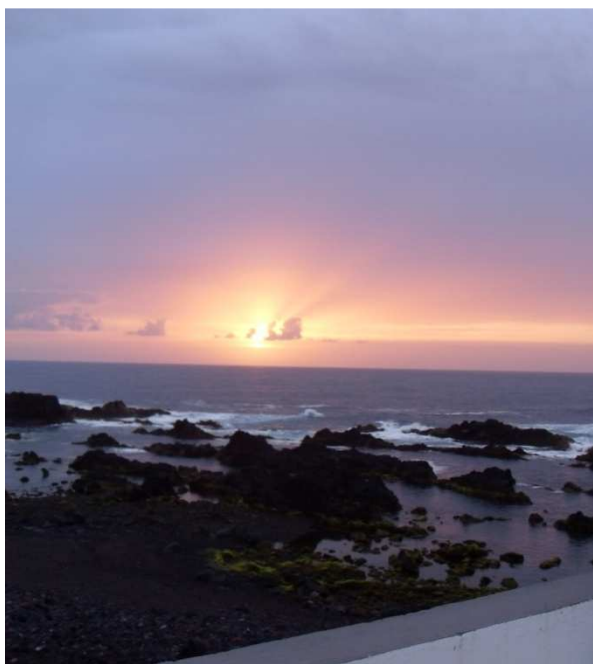


Figura 42_ Piscinas naturais de Mosteiros (APA)

Capítulo V _____ Piscinas Naturais de Mosteiros

Análise do Existente



Figura 43_ Piscinas naturais de Mosteiros (APA)

As piscinas naturais de Mosteiros (fig.54) surgem, por entre rochas negras, porosas e irregulares, resultantes da erupção do vulcão das Sete Cidades, que deu origem à freguesia.

Localizadas em contacto com o mar, as piscinas são pequenos tanques com água salgada que aumentam e diminuem a sua profundidade consoante as subidas e descidas de marés. Os limites desenhados em rocha que formam os pequenos poços, prolongam-se ao longo da baía, num jogo de cheios e vazios onde os cheios são rochas e os vazios mar.

As piscinas naturais de Mosteiros são consideradas um dos principais pontos turísticos da ilha de São Miguel e ponto de interesse da localidade onde se inserem. Desde o ponto de acesso mais elevado, onde passa a Rua da Beira Mar, até à linha de água, faz-se um percurso por entre pequenas pedras que conduzem à entrada das piscinas. As piscinas quanto à sua implantação, são uma sucessão de poços de água com acessos através das rochas que delineiam os poços. Nestas rochas, com o passar do tempo, foram surgindo zonas que se assemelham a acessos, concretamente a passagens em escadas.

O percurso, da cota da rua até à zona de piscinas, é feito através de dois lances de escadas que ladeiam um pequeno equipamento de apoio (fig.56). O acesso a este equipamento é efectuado a uma cota mediana em relação à linha de água, mais precisamente pelo patamar das escadas.

O equipamento (fig.58) data de há mais de vinte anos e foi uma obra levada a cabo pela Junta de Freguesia. Trata-se de uma pequena construção com um sector masculino e outro feminino onde encontra-se uma zona de duches, vestiários e um pequeno quarto de banho na zona de entrada. A construção em tijolo é toda ela revestida a azulejo de cor branca com pequenas faixas em azulejo azul. De forma quase triangular, a cobertura do edifício localiza-se à cota mais alta correspondente ao nível da rua, e é utilizada como terraço / miradouro. O acesso às piscinas através da escadaria de dois lances



Figura 44_ Placas identificativas em azulejo | zona balnear de Mosteiros (APA)



Figura 45_ Equipamento de apoio e acessos existentes às piscinas naturais de Mosteiros (APA)

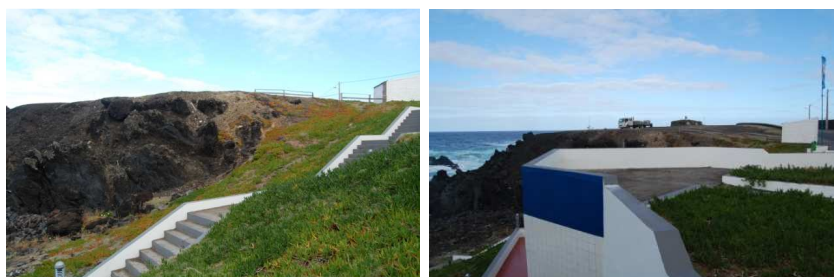


Figura 46_ Acessos em escada à zona das piscinas de Mosteiros | Terraço do equipamento (APA)



Figura 47_ Equipamento de apoio | Rua dos Moinhos (APA)

surge aquando a construção dos balneários de apoio, sendo este acesso efectuado até à data de uma forma menos directa pela encosta.

O acesso aos tanques das piscinas continua a ser efectuado através das rochas que delimitam os poços, não havendo assim qualquer tipo de plataforma ou escada de acesso.

À medida que se desce no terreno, vão-se sucedendo pequenos espaços em pedra que são transformados em improvisados solários. Por entre estes espaços, é construído com pedras, um caminho (fig.63) que conduz à zona de água. Este percurso todos os anos é redesenhado por habitantes da localidade, uma vez que, devido à forte ondulação de Inverno desaparece por entre as restantes pedras que constituem os solários.

A zona de solários desenvolve-se assim ao longo da baía que dá frente às piscinas, sendo também aproveitadas para esta função, as rochas de maior porte que delimitam as próprias piscinas.

Os tanques de água que formam as piscinas sucedem-se ao longo da costa com diferentes dimensões e profundidades. Pode notar-se, uma zona de poços à entrada da zona de mar, onde se acumulam pequenas rochas. Nesta primeira zona, é frequente encontrar-se muitas crianças.

Numa análise formal, as piscinas são bastante irregulares e recortadas. As rochas que desenhavam e definem os tanques estendem-se ao longo da costa, criando uma espécie de arcos em pedra (fig.60) que se desenvolvem paralelamente à baía de acesso, onde se implantam os solários.

À medida que se avança, vão-se advindo canais alongados, nomeadamente o primeiro caneiro e o segundo caneiro, que são piscinas de maior dimensão e profundidade. As formas longitudinais das piscinas são protegidas por rochedos que ultrapassam, em regra, os três metros de altura.

O último canal está localizado numa zona de mar profundo e agitado sendo por isso pouco frequentado.

As piscinas variam, durante a maré-cheia / preia-mar, entre os cinquenta centímetros nas zonas de entrada e acesso e os quatro metros nas piscinas mais profundas. Em maré-baixa / baixa-mar atingem uma altura máxima de três metros de profundidade.

As piscinas de Mosteiros ou piscinas dos Caneiros são de acesso livre. A sua relação directa com o oceano dá-lhes um carácter muito especial e curioso também, quando se analisa a temperatura da água do mar, que, influenciada pela acção reguladora da corrente do Golfo, varia entre os dezassete e os vinte e três graus célsius (fig.65).

A envolvente costeira das piscinas é ainda composta por uma série de pequenas baías que se estendem ao longo de toda a Rua da Beira Mar. Destas baías destaca-se a piscina do Poço da Pedra, próxima das piscinas dos Caneiros, composta por dois tanques bastante fechados e recolhidos na rocha. A separar a baía das piscinas dos Caneiros e a piscina do Poço da Pedra encontra-se uma estrutura rochosa com cobertura em terra com cerca de 3000m² utilizada como parque de estacionamento improvisado (fig.64) para ambas as zonas balneares.

A envolvente construída é composta por moradias de veraneio, com logradouros interiores à propriedade. Todavia, por se tratar de uma zona afastada do centro da freguesia pode denotar-se um certo abandono em algumas habitações e arruamentos próximos.



Figura 48_ Localização da zona balnear de Mosteiros na planta geral da Freguesia (CMPD) (APA)



Figura 49_ Vista aérea das piscinas naturais de Mosteiros (GE)

Na proximidade do acesso às piscinas, como marco da arquitectura de produção agrícola da freguesia, encontra-se um pequeno moinho de vento, reabilitado e transformado em habitação.

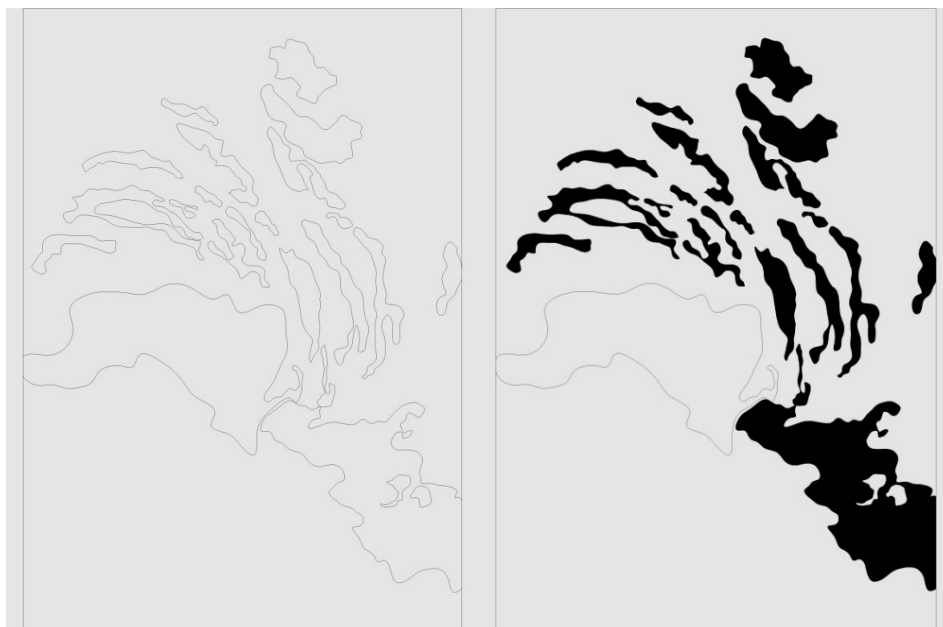


Figura 50_ Análise de contornos de rochas e solários | Análise de rochas das piscinas de Mosteiros (APA)

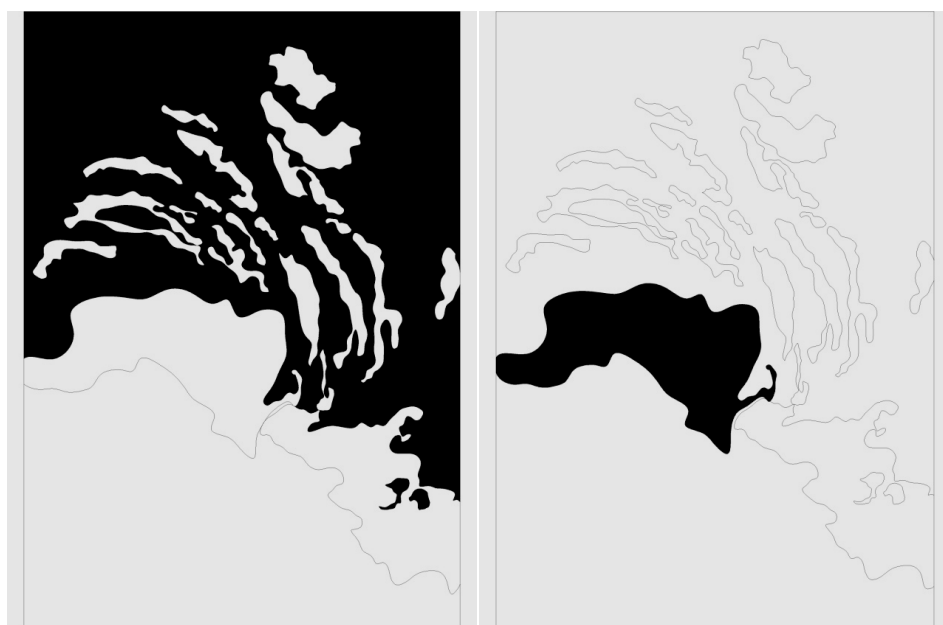


Figura 51_ Análise de mancha de mar | Análise de solários das piscinas de Mosteiros (APA)



Figura 52_ Acesso às piscinas através de caminho em cascalho | Envolvente (APA)



Figura 53_ Parque de estacionamento improvisado de apoio | piscina do 1º caneiro (APA)

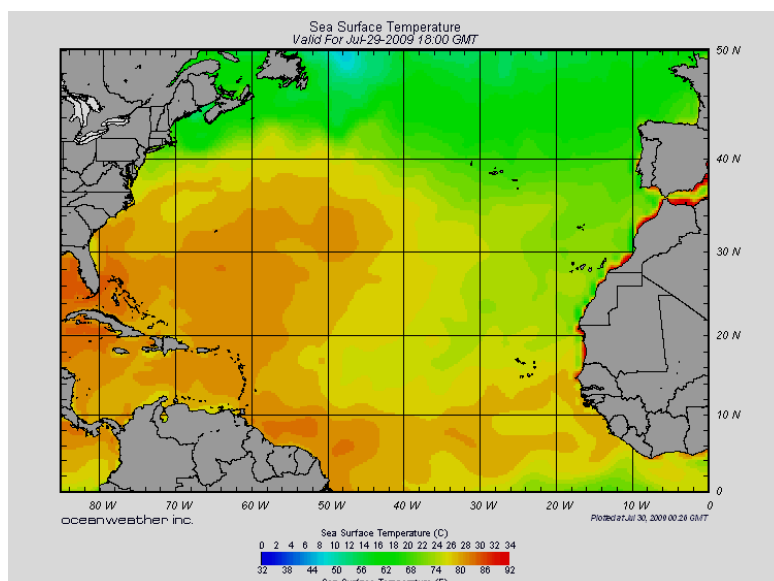


Figura 54_ Gráfico de temperatura da água do mar (A)



Figura 55_ Análise topográfica dos tanques das piscinas (APA)

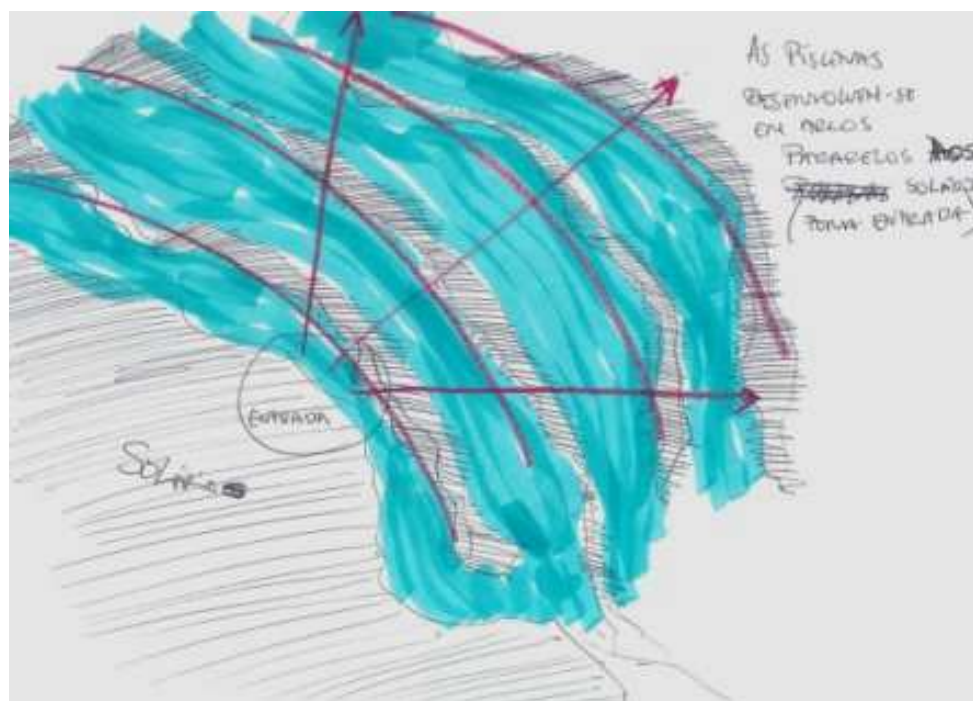


Figura 56_ Esquema dos percursos (APA)

O Homem agente transformador da Paisagem

“Bem vistas as coisas toda a construção é uma «agressão» na paisagem, seja ela natural ou urbana. O senso e a imaginação construtiva zelam para que a «agressão» se converta em fonte de renovadas descobertas.

(...) Nunca mais dirás “o que vou eu fazer aqui”, mas sim «como vou eu fazer isto aqui”

“ (...) É neste quadro de referência que se procede à escolha de algumas das nossas obras que «olham» o oceano - as «arquitecturas das margens», cerca da água (junto ao mar).

Como igualmente se elegem exemplos da transformação recente introduzida em organismos pétreos, implantados num território muito antigo (Com a pedra). (...)

Espaços arquitectónicos e urbanos, formas do mundo rural ou da cidade, obras novas ou recuperação. Que saibam exprimir em si as implícitas dialécticas da integração/pluralidade e do duradouro/efémero.”

27

O Homem é o principal agente modificador da paisagem. Compreender a paisagem e os seus fenómenos é indispensável para nela se poder intervir. Este entendimento deve, acima de tudo, incorporar a relação entre os diversos elementos que a caracterizam.

Existem diferentes interpretações de paisagem que derivam de diferentes formas de olhar o que nos rodeia e o modo como o Homem determina a sua presença física na Terra.

A paisagem é composta por uma série de elementos que interagem entre si, e, é a partir da relação de elementos que resultam as diferentes paisagens. A paisagem é o território que está em constante mutação e desenvolvimento, e, no que diz respeito à actividade do Homem neste território, a atitude mais adequada é a cooperação. O Homem analisa a paisagem e define os moldes de cada intervenção, a partir das suas características. A constante intervenção do Homem no território faz com que este não seja apenas resultado da articulação de elementos naturais, decorrendo também da interferência transformadora do próprio Homem.

Para Donald William Meinig, «landscape is all around us». Desde o surgimento do Homem que a sua presença é assinalada de modo transformador. Esta crescente obra sobre a natureza e a paisagem é contudo condicionada por interesses e regulamentações. É fundamental por isso que exista uma relação cooperante entre a obra e o carácter do lugar.

Toda a obra surge da análise e da interpretação do lugar, enquanto ambiente natural, relativamente às suas necessidades. Os espaços construídos pelo Homem são reflexo da relação entre este e o meio em que se insere. Assim, o Homem constrói lugares, edifícios, cidades, que são implantados directa ou indirectamente na paisagem, dando origem a uma natureza reconstruída ou segunda natureza. Torna-se criativo do seu próprio lugar e confere uma versão diferente do mundo natural.

²⁷ Neves, José Manuel das. (2000). Textos do arquitecto Manuel Tainha. Lisboa. Estar-Editora



Figura 57_ Vista aérea Piscinas de Leça da Palmeira (A)

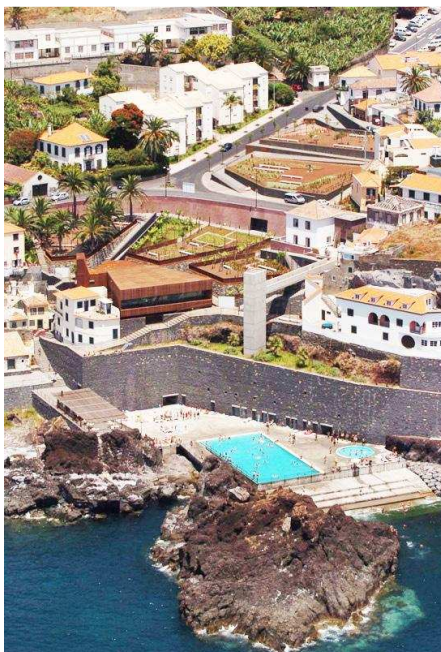


Figura 58_ Vista aérea Piscinas das Salinas, Ilha da Madeira (A)

Nos tempos que correm e devido à presença constante do Homem, associado a um território construído, nasce a *Paisagem Naturalizada*. Esta surge, da combinação e ligação entre a *Paisagem Natural* e a *Paisagem Humanizada*. Esta interpretação do território, embora manipulada pelo Homem, consegue adquirir um carácter natural através do predomínio de elementos naturais.

A paisagem é sempre diferente. Por um lado essa diferença dá-se devido aos elementos naturais presentes em cada uma, por outro lado, diferencia-se devido aos diversos processos de intervenção por parte do Homem. A natureza transformou-se num espaço de experimentação humana.

Plano de Ordenamento da Orla Costeira de São Miguel

As intervenções ao nível da zona de costa são orientadas segundo um Plano de Ordenamento da Orla Costeira da ilha de São Miguel (POOC, Dezembro de 2007). Este plano tem como principais objectivos, o estudo e análise do património natural e cultural a proteger, a definição de orientações e critérios de conservação e uso e valorização no quadro dos instrumentos de gestão territorial. Estes objectivos vão ao encontro da promoção de uma utilização e ocupação adequada do solo pelo Homem e compatibilização com os planos directores municipais (PDM), estabelecendo regras de ocupação, usos e transformações dos solos abrangidos.

O presente regulamento surge também como orientador das intervenções nas zonas balneares ao longo das nove ilhas dividindo as mesmas em dois tipos:

- **Zonas balneares tipo 1**

Todas as que estejam equipadas com uso intensivo, adjacentes ou não a aglomerados urbanos e que detêm um nível elevado de infra-estruturas, apoios e ou equipamentos destinados a assegurar os serviços de utilização pública.

- **Zonas balneares tipo 2**

Zonas balneares com uso condicionado, caracterizadas pela existência de estruturas mínimas de utilização pública, associadas a um equipamento ou serviço mínimo de apoio ao uso balnear.

Essa definição de tipologia por parte da regulamentação subdivide as zonas balneares ao longo de toda a costa açoriana. A partir desta divisão, conclui-se que as piscinas naturais de Mosteiros pertencem ao tipo 2 das zonas balneares do POOC, uma vez, que apresentam estruturas mínimas de uso.

A percepção dessas particularidades serve como plano inicial de proposta para o lugar, visando e garantindo condições de segurança dos seus utilizadores bem como a estabilidade física da orla costeira face às suas condições geotécnicas. Torna-se necessário que haja assim uma compatibilização entre a protecção e valorização da diversidade biológica e o desenvolvimento socioeconómico sustentável.

Conceitos intrínsecos ao regulamento:

- **Zona balnear** – Local da orla costeira constituído por um espaço de interface terra mar adaptado ao uso balnear, para banhos de mar e de sol por vezes equipado com um conjunto de serviços de apoio e estacionamento.

- **Praia** – Aglomerado de areias ou cascalhos de múltiplas dimensões e fraco declive, limitadas inferiormente pela linha de baixa-mar e superiormente pela linha de preia-mar.
- **Margem das águas do mar** – Faixa de terrenos contígua ou proeminente à linha de limite de água.
- **Uso balnear** – Conjunto de funções e actividade destinadas ao recreio físico do Homem, que através de laborações multiformes e modalidades múltiplas relacionadas com o meio aquático satisfazem necessidades colectivas.
- **Zona terrestre de protecção** – Faixa territorial definida por quinhentos metros cotados a partir da linha terrestre que limita as margens das águas do mar.

O regime de utilização e ocupação destas áreas tem como objectivos a protecção dos sistemas naturais, o usufruto do uso balnear, a segurança e qualificação dos serviços prestados nas zonas balneares e a eficaz gestão e exploração do espaço da zona balnear e os serviços comuns de utilidade pública.

No que diz respeito a acessos, pode-se considerar três tipos: acessos e estacionamento, acessos viários e acessos pedonais. Os *acessos e estacionamento* nas zonas balneares do tipo 1 deverão ser pavimentados. Nas do tipo 2 podem ser regularizados ou pavimentados, de acordo com os planos das zonas. Os *acessos viários* deverão ser obrigatoriamente delimitados por meios naturais ou artificiais, nomeadamente vegetações, pedra ou diferenciação de pavimento. Quanto aos acessos pedonais, poderão ser de diferentes tipos, em função das condições locais de cada zona balnear e de acordo com o seu plano. Assim, existe o acesso pedonal consolidado e o acesso pedonal construído em estrutura fixa ou construído em estrutura aligeirada.

Para o bom funcionamento de uma zona balnear são necessárias infra-estruturas, nomeadamente: abastecimento de água, saneamento básico, recolha de resíduos sólidos, abastecimento de energia eléctrica e acesso à rede de comunicação fixa.

O apoio às zonas balneares é fundamental e este plano também serve para tipificar os tipos de instalações / intervenções que podem ser feitas nesses locais.

Assim, as instalações e equipamentos para as zonas balneares são tipificados no que diz respeito a características construtivas, em construções fixas ou construções ligeiras. Todavia, para salvaguardar os sistemas biofísicos, estes apoios e equipamentos não se devem localizar nos areais e áreas de solários. No caso da inexistência de alternativas, estas instalações devem ser ligeiras e desmontáveis, localizadas preferencialmente na zona de maior cota e de maior proximidade às redes de infra-estruturas gerais.

No que diz respeito a volumes, as instalações devem obedecer a parâmetros volumétricos:

- Altura máxima igual a 4,5 metros;
- Pé-direito livre máximo igual a 3,5 metros;
- Área de construção máxima para equipamentos de restauração, 200m²; comércio não alimentar 20m².

Resumo

Neste capítulo, interpreta-se e analisa-se o lugar piscinas naturais de Mosteiros. Procura-se, através dessa análise, encontrar formas de intervir no lugar tendo em conta as características e condicionantes que este apresenta. Interpreta-se a forma como o Homem intervém na paisagem e o seu carácter transformador de território na medida em que adapta os espaços às suas necessidades.

Nesta fase de trabalho e advindo da análise que origina uma reflexão de intervenção no local, importa estudar o plano que define regras de ocupação da orla costeira da ilha de São Miguel, sendo a partir deste e da análise do lugar, que surge um modo de intervenção na paisagem das piscinas naturais de Mosteiros.

VI



Figura 59_ Piscina em Mosteiros (APA)

Capítulo VI___ Conclusões

Reflexão Conclusiva

“Foi escolhido um local onde os rochedos se fechavam num pequeno lago (...) o meu projecto pretendia otimizar as condições criadas pela natureza de que já ali tinha iniciado o desenho de uma piscina. Era necessário tirar partido dos mesmos rochedos (...). Nasceu, assim uma ligação muito mais estreita entre aquilo que é natural e aquilo que é construído. Todavia, graças à experiência anterior, aquilo que foi construído foi definido de uma maneira mais clara e autónoma. “²⁸

O estudo das piscinas naturais de Mosteiros centrou-se na análise da freguesia, da paisagem e dos seus elementos naturais, enquanto temas de projecto. A partir do estudo das piscinas naturais, ao longo da costa de São Miguel, foi possível elaborar um raciocínio sobre as intervenções arquitectónicas nestas zonas e perceber as escolhas de materiais e a importância dos acessos e dos equipamentos para responder às necessidades desses espaços.

Do ponto de vista da arquitectura, as piscinas naturais de Mosteiros são construções em pedra que surgem na costa da freguesia e, que, devido às suas formas concêntricas e profundas, recebem a água do mar, formando assim os poços.

Através da análise das diferentes zonas balneares na costa da ilha, define-se um tipo de intervenção relacionado com a arquitectura de integração.

A integração no contexto da intervenção arquitectónica num espaço constitui-se como um método de articulação na paisagem que considera, acima de tudo, as pré-existências e os elementos inerentes.

A linguagem e técnica construtiva determinada para este tipo de intervenção, resulta principalmente de uma interpretação da envolvente onde irá inserir-se. Neste tipo de proposta, a articulação com a paisagem resulta de uma aderência do projecto ao local, uma vez que é nele que se procuram referências e formalizações arquitectónicas de forma a criar uma relação de interdependência entre construção e paisagem.

A introdução e utilização de elementos naturais nesta intervenção física na paisagem é um estímulo porque a variedade de elementos que a paisagem oferece ao nível de cores, materiais e texturas faz com seja uma proposta de grande diversidade espacial e arquitectónica. Simultaneamente estabelece ligações e interacções com os elementos naturais do terreno.

²⁸ Siza, Álvaro. (2000). *Imaginar a Evidência*. Lisboa. Edições 70

Para que haja a integração de um objecto ou de uma nova construção na paisagem, é necessário analisar as suas particularidades, o seu contexto e os seus elementos para que sejam aproveitadas ao máximo as suas potencialidades.

Uma intervenção com estas características erige uma nova paisagem, uma vez que constitui regras que evidenciam as novas características topográficas e físicas do contexto. A arquitectura, nos exemplos de zonas balneares de São Miguel, pretende estabelecer relações com o contexto social, físico e histórico. Contudo, para que essas relações se estabeleçam com qualidade, é também importante que haja uma reinterpretação dos elementos e factores físicos pré-existentes.

A arquitectura de integração é uma arquitectura onde o arquitecto estuda o sítio, acrescentando sempre algo e fazendo com que o novo resulte do velho. Assim, os novos elementos contrastam com os pré-existentes criando uma só paisagem.

Este modo de intervir na natureza é importante porque, é principalmente a própria paisagem a sugerir premissas de projecto, fazendo com que o contacto com a envolvente e o pré-existente se estabeleça harmoniosamente, e a paisagem se transforme no enquadramento da intervenção.

Este tipo de intervenção na paisagem, através da integração, surge também ao longo de toda a costa Portuguesa. Nas Piscinas de Leça da Palmeira, do Arquitecto Siza Vieira, (fig.52) a redefinição e valorização do território é feita contrapondo a irregularidade com volumes puros e geometria muito precisa, de forma a evidenciar a própria costa. Siza Vieira estuda percursos como projecto criando diferenciação e evidência de forma a fundir os limites do projecto com a paisagem, conseguindo assim um equilíbrio rigoroso entre o limite água e o limite terra.

“ Formações graníticas contra as quais se desfazem sólidas ondas atlânticas (...)” ²⁹

Também o Arquitecto Paulo David, nas Piscinas das Salinas, ilha da Madeira, (fig.53) faz com que as estas se insiram através de um plano com uma geometria muito regular e precisa, por entre rochas bastante irregulares, fazendo com que haja um contraste entre ambas as configurações, valorizando-se mutuamente. Este tipo de atitude torna mais evidente o limite costeiro e a sua relação com o mar no contexto particular de uma ilha, exaltando assim, a sua extrema irregularidade.

A ambiguidade entre novo e pré-existente e, consequentemente, a fusão do limite com o sítio, torna complexa a definição da sua implantação, exactamente pela quase inexistência de um limite.

A Arquitectura integrante ou de integração é, fundamentalmente, a reconstrução da paisagem para que haja interligação e dependência do projecto em relação ao lugar e vice-versa. É uma arquitectura que se agarra ao pré-existente na tentativa de fazer parte dele caracterizando o lugar através de uma dependência paisagística entre novo e existente.

²⁹ Siza, Álvaro. (2004). *Piscina na Praia de Leça da Palmeira 1959-1973*. Lisboa. Editorial Blau

Nas piscinas naturais de Mosteiros, e a partir da análise no quinto capítulo e ao longo de toda a dissertação, pode-se notar um afastamento em relação à arquitectura de integração, uma vez que, a intervenção no local é feita ao nível da rua e nos acessos superiores. Na zona de solários, tanques de piscinas e acessos a estas não foi efectuada qualquer intervenção com recurso a novos materiais e regularização de formas, como se verificou nos restantes exemplo, excluindo as piscinas naturais de Fenais da Ajuda.

Esta característica analisada na zona balnear de Mosteiros torna-se importante, uma vez que reflecte-se sobre uma forma de intervenção para o local.

A história das piscinas de Mosteiros e das suas características naturais fazem parte do imaginário de paisagem da freguesia. A intervenção arquitectónica ao nível da zona de água e solários seria assim um redesenho da paisagem de acordo com o que foi-se analisando ao longo de toda a costa da ilha. Contudo, julga-se menos interessante propor ou reflectir sobre uma intervenção deste género para Mosteiros. A partir deste raciocínio surge-se a reflexão sobre uma diferente forma de intervir na paisagem em São Miguel e nos Açores.

Esta forma de intervir procura responder às necessidades inerentes ao local e apodera-se do espaço apenas com este intuito, fazendo parte desta paisagem durante um curto período de tempo. A este tipo de proposta pode chamar-se: a sazonalidade como modo de intervenção na Paisagem.

Enquanto modo de intervenção a sazonalidade está directamente relacionada com uma intervenção que pretende responder a necessidades de programa e de espaços, de uma forma efémera. Esta intervenção procura acima de tudo inserir algo novo e estranho à paisagem, de forma a fazer parte desta durante um determinado período de tempo. Desta forma, os parâmetros de referência para este tipo de intervenção não condizem com significações físicas, sociais e culturais do lugar e da envolvente. Os objectos são colocados no espaço por justaposição como se de um depósito se tratasse, daí a importância do seu carácter temporário de montagem e desmontagem.

Este tipo de implantação faz com que a paisagem continue a ser somente o espaço físico onde se concretiza a intervenção arquitectónica.

Uma intervenção de carácter temporário, recorre necessariamente a materiais transportáveis e práticos e implantações que sejam facilmente repensadas e alteradas consoante as características físicas do lugar onde se insere. Assim, o recurso à geometria e às formas regulares e simples, para além das questões técnicas e construtivas de experimentalidade e fácil montagem não criam impacto com a paisagem uma vez que não fazem parte dela e a geometria pura da intervenção faz com que as formas irregulares e naturais do lugar se valorizem e se sobreponham a qualquer intervenção. Desta forma, a acção humana na natureza, com este carácter efémero, não interfere de forma directa com a paisagem envolvente uma vez que se verifica um afastamento entre a obra e o lugar de inserção.

Esta proposta na realidade das piscinas naturais de Mosteiros serve, acima de tudo, como complemento à zona balnear, de forma a responder a necessidades de uso apenas quando necessárias. A utilização das piscinas de Mosteiros verifica-se na altura do Verão, sendo por isso de vital importância a instalação de equipamentos de apoio.

A arquitectura de apoio às zonas balneares é uma arquitectura que se relaciona directamente com um elemento natural imprevisível, deste modo, a arquitectura sazonal surge como proposta de intervenção nas piscinas de Mosteiros. Este tipo de proposta temporária deposita grande importância na escolha de materiais. Estes têm que responder a uma série de pressupostos no que diz respeito a disponibilidade e localização geográfica. A escolha dos materiais é feita também a partir de temas alusivos a este tipo de intervenção, como durabilidade, facilidade de transporte e rapidez de montagem. A título exemplificativo, pode considerar-se a tela, o pano, o plástico ou a madeira (no caso desta ser abundante na região). Este tipo de proposta, a nível construtivo, adquire realce através da utilização de um sistema modular.

O carácter nómada implícito nestas construções, pode ser uma mais-valia para este tipo de intervenção sem que para isso sejam necessários grandes investimentos quer no sentido monetário quer no de matéria-prima. A pré-fabricação surge como uma opção.

As construções pré-fabricadas surgiram nas primeiras décadas do século XX, a partir de alguns dos nomes mais importantes da arquitectura e do design, nomeadamente, *Le Corbusier*, *Walter Gropius*, *Jean Prouvé*, *Buckminster Fuller* e *Charles e Ray Eames*.

Le Corbusier foi um dos primeiros a aclamar as qualidades do pré-fabricado no ensaio “*Mass Production Houses*”, escrito na década de 1920, no qual sonhou sobre o impacto da tecnologia moderna sobre o ser humano e as suas construções realçando a importância da tecnologia moderna como meio de construção mais flexível e adaptável às necessidades.

Walter Gropius, fundador da Bauhaus, desenvolveu, em conjunto com *Adolf Meyer* e *George Muche*, a Haus am Horn para a exposição da escola Bauhaus em Weimar, em 1923, um sistema de habitação modular, que tinha como objectivo oferecer conforto e distribuição do espaço pela forma, tamanho e articulação, com a preocupação do custo mínimo.

O francês *Jean Prouvé*, uma das maiores lendas do design do século XX, foi também reconhecido por ter desenvolvido a inovadora BLPS (1937-39), que podia ser rapidamente montada num período de cinco horas, e a Tropical House (1951), uma espécie de cabana tropical desmontável, em alumínio, de fácil montagem e transporte.

Outra forma de interpretar a arquitectura sazonal é através de um sistema modular que se adapta ao espaço com a possibilidade de ser aumentada ou diminuída conforme as necessidades deste.

Uma construção em módulos desenvolve-se à semelhança de um jogo de Lego, onde se encaixam peças, com a possibilidade de se construir diferentes soluções de acordo com as necessidades de cada lugar. Este sistema arquitectónico de construção, além de inovador, é interessante ao nível da versatilidade, simplicidade, mobilidade arquitectónica, adaptabilidade e facilidade construtiva.

A nível de acessibilidade no espaço das piscinas, uma intervenção arquitectónica sazonal ou temporária pode, também, resolver situações como acessos às piscinas, através da aplicação de escadas, por exemplo em aço inox, fixas às rochas, com a possibilidade de serem desmontadas finda época balnear.

Este tipo de intervenção tem como base, acima de tudo, questões de experimentação arquitectónica. O objecto vive como tal e em torno de si próprio mais do que com o objectivo de se relacionar visualmente com a paisagem e os seus elementos naturais.

Esta atitude de contraste procura uma postura voluntária de afastamento da natureza e dos seus elementos, construindo algo alheio ao meio natural e que, através de formas regulares e de geometria pura, faz com que a natureza prevaleça em relação à nova construção e com que esta seja uma peça depositada no lugar com o objectivo apenas de responder a necessidades de programa e de acessos de uma forma efémera e sazonal.

Cada contexto e cada cultura humana possui um diferente estado de evolução, assim, considera-se que não existem modelos de intervenção que se aplicam em vários lugares e em vários contextos uma vez que, cada lugar gera as suas próprias soluções e premissas de projecto dificilmente universalizáveis.

Diferentes lugares suscitam diferentes abordagens e atitudes interventivas por parte de um mesmo arquitecto. Nesse sentido a intervenção humana deve ter sempre em atenção o facto de a paisagem ser uma entidade complexa, baseada em relações e atributos divergentes de uma para outra, e perceber que qualquer tipo de intervenção necessita, acima de tudo, de um lugar para poder acontecer. E, das características intrínsecas deste, nasce o entendimento e compreensão das acções do Homem sobre ele.

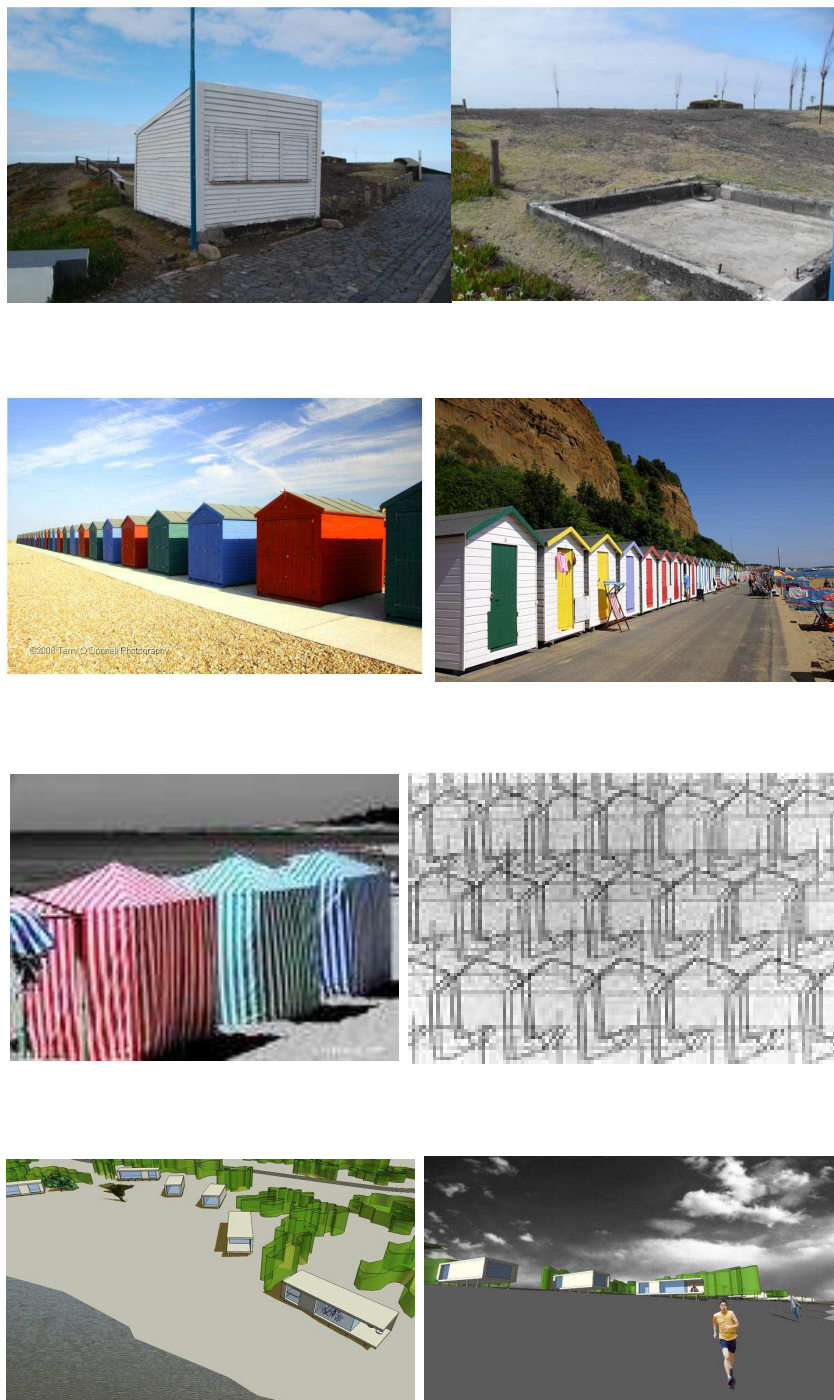


Figura 60_ Exemplos de construções provisórias de carácter sazonal (A) (APA)

Mar,
“ Metade da minha alma é feita de maresia.

Há muito que deixei aquela praia
De grandes areais e grandes vagas

Mas sou eu ainda que na brisa respira
E é por mim que espera cintilando a maré vasa.

Quando eu morrer voltarei para buscar
Os instantes que não vivi junto do mar.”³⁰

³⁰ Andresen, Sophia de Mello Breyner. *Mar – Poesia*. Lisboa

VII

Capítulo VII__ Referências

Bibliografia

- Abreu, M. (1997). *Açores*. Setúbal: Editorial Sofoto, Lda.
- Arquitectos, O. d. (2000). *Arquitectura Popular dos Açores*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos.
- Borges, J. M. (2005/2006). *Prova Final de Licenciatura em Arquitectura F.A.U.P, Arquitectura e Limite, Museu Marítimo, Proposta de intervenção no porto da Póvoa de Varzim*. F.A.U.P.
- Brandão, R. (1926). *As ilhas Desconhecidas*. Lisboa: Aillaud e Bertrand.
- Calvino, I. (2006). *Um Eremita em Paris*. Cia. das Letras.
- Correia, P. D. *Memórias de Mosteiros*. Ponta Delgada.
- Croft, V. (2001). *Arquitectura e Humanismo, O papel do arquitecto, hoje, em Portugal*. Lisboa: Terramar.
- Fernandes, J. M. (1998). *Arquitectura Portuguesa do Mar, das Pedras, da Cidade*. Lisboa: Gabinete de Relações Internacionais, Ministério da Cultura.
- Fernandes, J. M. (1996). *Cidades e Casas da Macaronésia*. Porto: FAUP Publicações.
- Fernandes, J. M. (1992). *Limite Del Mar*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura.
- Frutuoso, D. G. *Saudades da Terra*. Açores: Instituto Cultural de Ponta Delgada.
- Frutuoso, G. (1963). *Saudades da Terra*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.
- Graça, J. L. (1995). *Carrilho da Graça*. Lisboa: Editorial Blau.
- Isabel Albergaria, R. M. (2008). *Açores em Vista Aérea*. Lisboa: Argumentum.
- Kiesler, F. *Inside the endless house*.
- Mchang, I. L. (Anos 60). *Proyectar con la Natureza*. Estados Unidos da América: Casa Ono.
- Neves, J. M. (2008). *Anuário Arquitectura XI*. Lisboa: Caleidoscópio.
- Neves, J. M. (2000). *Textos do arquitecto Manuel Tainha*. Lisboa: Estar- Editora.
- Pérez, A. e. (2008). *Analogias entre o mundo mineral e a arquitectura contemporânea*. Barcelona: Dinalivro e Paramón ediciones.
- Pinto, L. M. (1985). *Concepção em Arquitectura e Planeamento, um programa para apoio à decisão*. Lisboa: LNEC.
- Portas, N. (1998). *Cidades e frentes de água*. Porto: Edições Faup.
- Quental, A. d. (1984). *Primaveras Românticas*. Porto.

- Ramos, J. d. (1998). *Como interpretar um projecto*. Lisboa: Plátano, Edições Técnicas.
- Rebelo, J. C. (2002). *João Correia Rebelo, Um Arquitecto Moderno nos Açores*. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura.
- Rodrigues, P. D. (1992). *Álvaro Siza, Obra e Método*. Porto: Civilização.
- Salgado, J. M. (1985). *Álvaro Siza em Matosinhos*. Matosinhos: O lugar e a Imagem.
- Siza, Á. (2000). *Imaginar a Evidência*. Lisboa: Edições 70.
- Siza, Á. (2004). *Piscina na Praia de Leça da Palmeira*. Lisboa: Editorial Blau.
- Távora, F. (1999). *Da Organização ao Espaço*. Porto: FAUP Publicações.

Periódicos

- Sata Magazine, (2009) *Azorean Spitit, Janeiro - Março*. Ponta Delgada. Sata Edições
- Revista, *Arquitectura Ibérica 31, Museus*
- Revista, *Arquitectura Ibérica 13, Comércio e Lazer*
- Revista, *Arq./a Arquitectura e Arte 50, Paisagens Sintéticas, Paulo David RCR Arquitecto*

Internet

- www.cm-pontadelgada.azoresdigital.pt
- www.acorianooriental.pt
- www.cm-ribeiragrande.pt

Índice de Imagens

LEGENDA:

APA- Álbum Pessoal da Autora

GE- Google Earth

AVA- Isabel Albergaria, Rui Monteiro, *Açores em Vista Aérea, 2008, Edição Argumentum*

MM- Padre Daniel Arruda Correia, *Memórias dos Mosteiros*

APDA- Ordem dos Arquitectos, *Arquitectura Popular dos Açores, 2000, Edição AO*

A- Anónimo

CMPD- Câmara Municipal de Ponta Delgada

Figura 1_ Vista aérea de Mosteiros (AVA)	2
Figura 2 _ Ilha de São Miguel Arquipélago dos Açores (APA)	4
Figura 3 _ Localização de Mosteiros na ilha de São Miguel (AVA)	4
Figura 4 _ Corte longitudinal e planta da ilha de São Miguel (MM)	4
Figura 13_ Ilhéus de Mosteiros (APA).....	11
Figura 14_ Análise da malha urbana de Mosteiros (CMPD) (APA)	12
Figura 18_ Construções na falésia Rua da Beira Mar (APA).....	14
Figura 19_ Porto de pesca de Mosteiros (APA)	15
Figura 20_ Piscina natural do Poço da Pedra Mosteiros (APA)	18
Figura 21 _ Piscinas naturais da ilha de São Miguel-1 Ferraria 2- Mosteiros 3- Fenais da Ajuda 4- Nordeste.....	19
Figura 22_ Piscina da Ferraria (APA).....	20
Figura 23_ Piscinas Naturais de Fenais da Ajuda (APA)	22
Figura 24_ Piscinas do Nordeste (A)	22
Figura 25_ Ilhéu de Vila Franca do Campo (APA)	24
Figura 26_ Piscina Natural da Caloura (A) (APA)	24
Figura 27_ Complexo Piscinas Municipais de Lagoa (APA).....	26
Figura 28_ Vista aérea da Ferraria (GE) Piscinas Naturais de Fenais da Ajuda (APA)	28
Figura 29_ Piscinas do Nordeste (A) Ilhéu de Vila Franca do Campo (APA).....	28
Figura 30_ Piscina Natural da Caloura (A) Complexo Piscinas Municipais de Lagoa (APA)	28
Figura 31_ Acesso à Piscina do Poço da Pedra Mosteiros (APA)	32
Figura 32_ Piscinas Naturais, ilha do Faial (A) Centro das Artes, ilha da Madeira (A)	34

Figura 33_ Vista aérea Piscina de Leça da Palmeira (A) Percurso, Piscina de Leça da Palmeira (A) .	34
Figura 34_ Piscina, ilha de São Jorge (APA) Piscinas de Santa Cruz das Flores (APA)	34
Figura 35_ Central de energia das ondas da ilha do Pico (APA) Piscinas das Salinas, Madeira (A)...	34
Figura 36_ Casa da Cascata – Frank Lloyd Wright Casa Malaparte – Adalberto Libera Museu da Arte - Tadao Ando (A)	36
Figura 37_ Limite terrestre de uma ilha Fajãs da ilha de São Jorge Piscina do Poço da Pedra em Mosteiros (APA).....	38
Figura 38_ Pedra Basáltica (APA).....	40
Figura 39_ Letreiro escrito em basalto Casa com bandas e contornos em basalto (APA).....	42
Figura 40_ Muro em basalto Fontanário (APA)	42
Figura 41_ Aplicações de basalto em portas e janelas da escola de Mosteiros (APA)	42
Figura 42_ Pavimento em basalto na praça central de Mosteiros (APA)	42
Figura 43_ Pedra Basáltica Laminada Habitação em pedra (APA)	44
Figura 44_ Palácio da Justiça de Santa Cruz das Flores (APA)	44
Figura 45_ Centro de interpretação ambiental e cultural da ilha do Corvo (APA)	44
Figura 46_ Casa de apoio à montanha do Pico (APA).....	44
Figura 47_ Construções junto ao mar na freguesia de Mosteiros (APA).....	48
Figura 48_ Construções junto ao mar (APA).....	50
Figura 49_ Habitações na costa de Mosteiros (APA)	52
Figura 50_ Esquícios e Maqueta das Piscinas	54
Figura 51_ Projecto Piscinas de Leça da Palmeira, Arq. Siza Vieira (A)	56
Figura 52_ Projecto Piscinas Naturais das Salinas, Arq. Paulo David (A).....	56
Figura 53_ Piscinas naturais de Mosteiros (APA)	60
Figura 54_ Piscinas naturais de Mosteiros (APA)	61
Figura 55_ Placas identificativas em azulejo zona balnear de Mosteiros (APA).....	62
Figura 56_ Equipamento de apoio e acessos existentes às piscinas naturais de Mosteiros (APA)	62
Figura 57_ Acessos em escada à zona das piscinas de Mosteiros Terraço do equipamento (APA) .	62
Figura 58_ Equipamento de apoio Rua dos Moinhos (APA)	62
Figura 59_ Localização da zona balnear de Mosteiros na planta geral da Freguesia (CMPD) (APA)...	64
Figura 60_ Vista aérea das piscinas naturais de Mosteiros (GE)	64
Figura 61_ Análise de contornos de rochas e solários Análise de rochas das piscinas de Mosteiros (APA).....	65
Figura 62_ Análise de mancha de mar Análise de solários das piscinas de Mosteiros (APA)	65
Figura 63_ Acesso às piscinas através de caminho em cascalho Envolvente (APA)	66
Figura 64_ Parque de estacionamento improvisado de apoio piscina do 1º caneiro (APA).....	66
Figura 65_ Gráfico de temperatura da água do mar (A).....	66
Figura 66_ Análise topográfica dos tanques das piscinas (APA).....	67
Figura 67_ Esquema dos percursos (APA)	68

Figura 68_ Vista aérea Piscinas de Leça da Palmeira (A)	70
Figura 69_ Vista aérea Piscinas das Salinas, Ilha da Madeira (A).....	70
Figura 70_ Piscina em Mosteiros (APA)	76
Figura 71_ Exemplos de construções provisórias de carácter sazonal (A) (APA)	82

Glossário

Arquitetura Vernacular – Arquitetura representativa da técnica construtiva e tradicional de uma Região com base na sabedoria popular.

Balcão – Espécie de varanda localizada nas fachadas de casas elevadas do solo. Localizam-se nas zonas de entrada (portas) e são composta por uma ou duas escadarias.

Bagacina -Fragmentos de rochas basálticas.

Basalto – Rocha de origem vulcânica geralmente de cor escura ou negra e textura rugosa, resultante da solidificação da lava expelida de um vulcão.

Casas de veraneio – Habitações utilizadas principalmente nos meses de Verão.

Coreto -cobertura, situada ao ar livre, em praças e jardins, para abrigar bandas musicais em concertos.

Empena – Fachada de uma habitação, geralmente lateral.

Falsa – Piso superior de uma habitação antiga.

Ilhéu – Pequena ilha.

Limite – Linha que demarca a extensão de superfícies ou terrenos contíguos.

Miradouro – Lugar elevado donde se tem uma vista panorâmica.

Pedras-Pomes - rocha vulcânica de muito baixa densidade, formada quando gases e lava formam um colóide que por arrefecimento solidifica sob a forma de uma rocha esponjosa.

Pontão – Pequena Ponte.

Sazonal – Próprio de uma estação do ano.

Solários – Espaços de estar, terraços, varandas, plataformas expostas ao sol, também utilizados para banhos de sol.